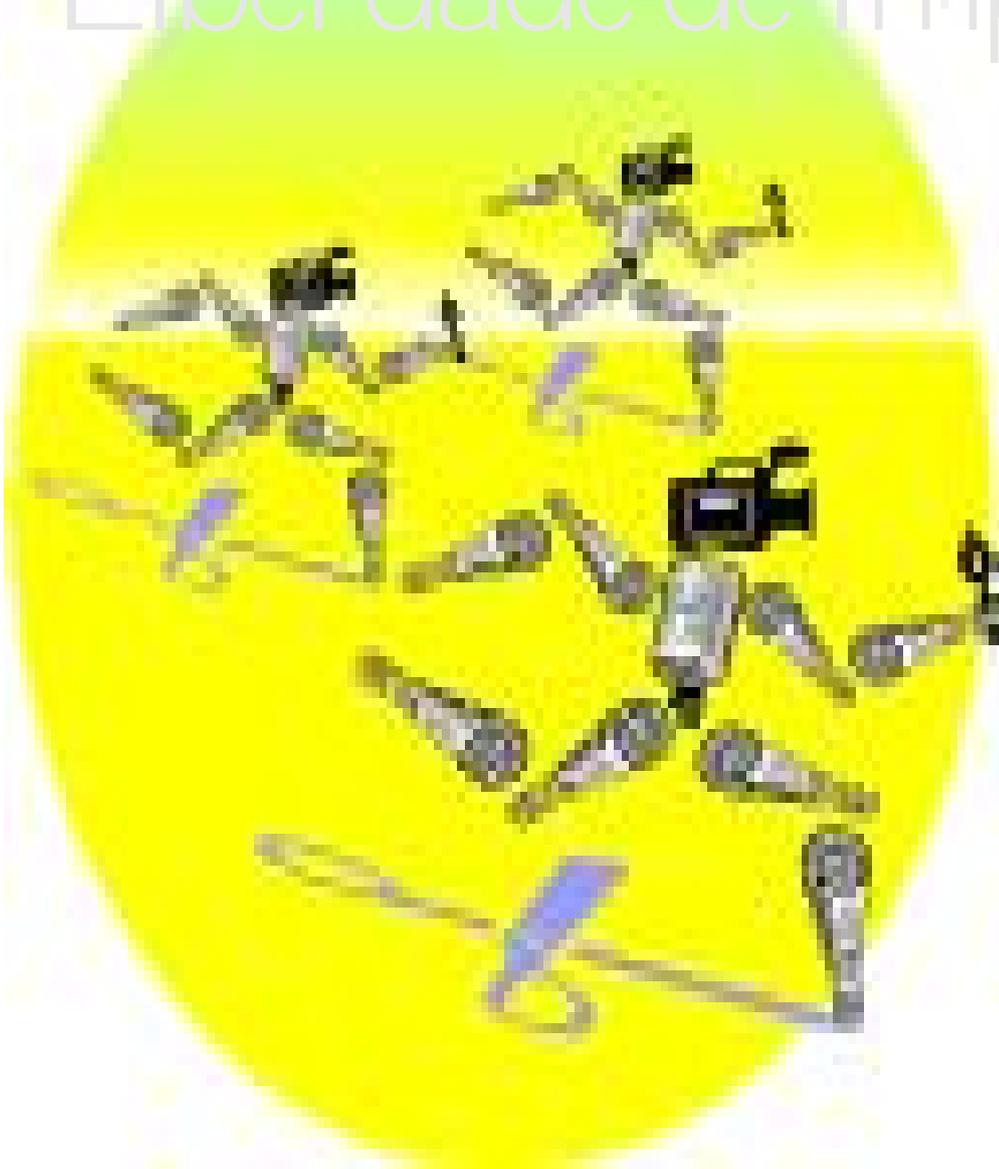




# EXTRA PAUTA

Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná - Nº 44 - agosto/setembro de 1999 - ISSN 1517-0217

## Liberdade de Imprensa



### Ritmo de trabalho

Por que hoje trabalhamos mais que há de anos?  
Página 6.

### Imprensa e reforma agrária

Saiba o que pensam os líderes do MST da bancada ruralista sobre o conteúdo das reportagens publicadas no Paraná.  
Páginas 12 e 13.

### Congresso Estadual

Debate sobre formação do jornalista com uso de tecnologia. Página 14.

### Entrevista

Nicolielo e o poder da charge.  
Página 23.



# Jornalismo e Liberdade de Imprensa

Nos últimos anos o Sindicato tem procurado reservar o mês de setembro para destacar o debate sobre a Liberdade de Imprensa, assunto permanente na categoria e desta com estudantes e a sociedade, mas que conquista maior espaço junto à mídia no mês em que se comemora também o Dia da Imprensa e o próprio Dia Mundial da Liberdade de Imprensa.

Cabe aos jornalistas refletir sobre seu próprio trabalho e o quanto ele sofre de interferência a partir dos interesses do proprietário da empresa em que trabalham, o que é mais comum, até de forças políticas e econômicas, entre outras. Feita a reflexão, conclui-se, na maioria das vezes, que a liberdade é relativa, para não dizer restrita. Então, como agir? Como manter a consciência profissional, nesse caso contraposta às necessidades mortais de sobrevivência, de manter o emprego, pagar contas, etc.?

Numa única frase: não há milagre. Todo jornalista com um pouco mais de experiência sabe

que nem tudo é possível ser publicado. Seja por falta de provas, seja por ferir interesses. Sabe igualmente que há momentos em que, acima de tudo, é preciso arriscar a cabeça. E por fim, também tem noção que em certas situações é preciso fazer uma escolha: ou segue fazendo Jornalismo ou só trabalha em comunicação, o que nesse caso não é a mesma coisa.

Com o Extra Pauta, que circula não só entre os jornalistas e demais sindicatos da categoria pelo país, mas também entre estudantes, agências de propaganda e diversas empresas, temos procurado denunciar os abusos contra a liberdade de imprensa. Em especial, nesta edição, mais que casos de abuso, uma abordagem sobre a Liberdade de Imprensa, que é defendida oficialmente por toda a sociedade, mas a partir de conceitos bastante discutíveis, os quais procuramos mostrar neste número.

Emerson Castro Firmo é presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná

# Um canal dividido

*Enquanto um grupo organiza as entidades para ocupar o Canal Comunitário, outro comercializa o sinal*

**Luiz Henrique Herrmann**

A construção de um projeto coletivo é sempre difícil, pois há que se considerar sempre concepções e interesses diversos e, fatalmente, divergentes. Na constituição do canal comunitário essas diferenças se aprofundaram a um ponto que levou à ruptura. As entidades que durante mais de um ano vinham financiando o projeto (entre as quais o Sindicato dos Jornalistas) acharam por bem se retirar da Associação do Canal Comunitário de Curitiba e fundaram uma segunda entidade, a Associação Comunitária de Televisão.

As diferenças começaram a aparecer já no início do projeto. Enquanto um setor defendia que a função da associação era organizar a ocupação do canal de televisão a cabo, que se daria pelas entidades não governamentais sem fins lucrativos, conforme a lei 8.977, outro grupo tencionava realizar a produção do canal em nome das entidades.

O primeiro conflito surgiu já na produção inicial, que foi veiculada a 7 de agosto de 1998 ao custo de R\$ 15,5 mil e necessitaria de um financiamento mensal de R\$ 12 mil. O Sindicato dos Jornalistas foi a primeira entidade a contestar esse valor. Era necessário redimensionar o projeto dentro das possibilidades das entidades: "dar o passo do tamanho da perna", defendíamos. Foi o que ocorreu com o fim da programação de vídeo e sua substituição pela animação gráfica computadorizada.

A aposta que o Sinttel-PR (Sindicato dos Telefônicos) fez no canal, emprestando R\$ 15 mil reais em dezembro de 98, permitiu-nos partir para

reorganizar o projeto. Quando o programa piloto feito por esse sindicato ficou pronto para retomarmos a programação de vídeo, no final de fevereiro, veio nova cisão, desta vez promovida por um grupo ligado à Atitude Comunicação, que realizou a animação computarizada. Com apoio de parte da coordenação executiva do Canal Comunitário, esse grupo queria para si a produção da apresentação do programa de vídeo a um custo estabelecido por eles, independente da possibilidade das entidades. Não poderíamos incorrer no erro anterior e propusemos a busca de soluções alternativas. Por exemplo, todo o gasto só poderia ser assumido com a devida receita.

**Fogo cruzado**

Sem acordo, preferiram o impasse que paralisou o canal. Tentamos soluções pelas instâncias políticas: reunião do Conselho Deliberativo e assembleia, sem sucesso. Sem respaldo, o pessoal ligado à produtora forçou o apoio político, filiando entidades novas, que entraram no meio do fogo cruzado sem conhecer o conflito. Algumas foram usadas, mas uma delas mereceu citação. O Ipav (Instituto Paranaense de Artes Virtuais) foi criado em 13 de maio de 1999 pelas pessoas que compõem a Atitude Comunicação e ligadas a elas, com a finalidade de lhes dar direito de voto em assembleia. Em 1º de junho o Ipav foi eleito para ocupar a coordenação técnica da Associação, desconhecendo o estatuto que exigia seis meses de filiação.

Não foi esta a única irregularidade. Aproveitaram que estavam circunstancialmente em maioria na assembleia para filiar entidade não regulamentada e realizar eleição nessa

data, quando o edital previa apenas a definição do processo sucessório. Um verdadeiro golpe.

As entidades que vinham financiando o canal restavam duas alternativas: recorrer à Justiça e invalidar a assembleia ou se desfiliar e fundar nova associação. Em conjunto, optamos pela segunda, pois não queríamos prolongar indefinidamente a disputa.

Sem o dinheiro das mensalidades, a Associação do Canal Comunitário passou a comercializar o canal, ocupando o espaço com a venda de tapetes e alugando para um programa de entrevistas.

**AACT**

Em 6 de julho foi criada a Associação Comunitária de Televisão. A partir desta data retomamos nossa organização e agora, em setembro, estamos veiculando nossa programação pelos canais 14-NET e 63-TVA. O projeto está sendo elaborado dentro da receita que provém das mensalidades e a função básica desta associação é organizar a ocupação do canal comunitário. As entidades ficam livres para produzir os programas que quiserem. Somente num segundo momento partiremos para programas âncoras, mas dentro de projetos que atendam aos interesses de todas as associações.

Na direção executiva da ACT estão os sindicatos dos Bancários, dos Engenheiros, dos Jornalistas, a UPE (União Paranaense dos Estudantes) e a CUT-PR. Apesar do predomínio sindical, a política da associação é ampliá-la para todos os setores da sociedade, a fim de que a ocupação do canal seja feita pela comunidade de Curitiba.

*Luiz Henrique Herrmann é jornalista e ocupa a direção de programação da ACT.*

## expediente

Extra Pauta é órgão de divulgação oficial da Gestão Extra Pauta do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná- Rua José Loureiro, 211- Curitiba/Paraná, Cep 80010-140. Fone / Fax (041) 224-9296.

Jornalista Responsável  
Emerson Castro Firmo  
Reg. prof. 2230/09/186

Redação  
Alvaro Collaço  
Revisão

Adilson Machado

Colaboradores nesta edição  
Casemiro Linarth, Cimêa Bevilacqua,  
Débora Lopez, Douglas Furattii e  
Luiz Henrique Herrmann.

Fotografia

Edson Mazzetto, Everson Bressan,  
Haraton Maravalhas, Hugo Abati Irani  
Carlos Maggno e Marco Damásio.

Ilustrações  
Noviski  
Edição Gráfica  
Leandro Taques  
Tiragem  
3.000 exemplares

As matérias neste jornal podem ser reproduzidas desde que citada a fonte. Não é de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não apresentarem, necessariamente, a opinião de sua editoria.



# O 10 de setembro no Brasil

Enquanto o mundo comemora o Dia da Mundial da Liberdade da Imprensa em junho, somente no Brasil é 10 de setembro o “Dia da Imprensa” e “Mundial da Liberdade de Imprensa”. Motivo ? O surgimento da Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal editado e publicado no País, em 1808, pela Imprensa Régia, a gráfica oficial de Dom João VI.

O jornal não passava de uma publicação de quatro páginas, com linha editorial voltada para os acontecimentos da Europa (reproduzia, por exemplo, muitos textos de jornais ingleses e portugueses), além de assuntos de interesse do rei. O jornal tinha como diretor o frei Tibúrcio José da Rocha e marca não apenas o primeiro jornal

impresso no País. Foi o primeiro “chapa branca” da então colônia.

Outra data

A Fenaj - Federação Na-

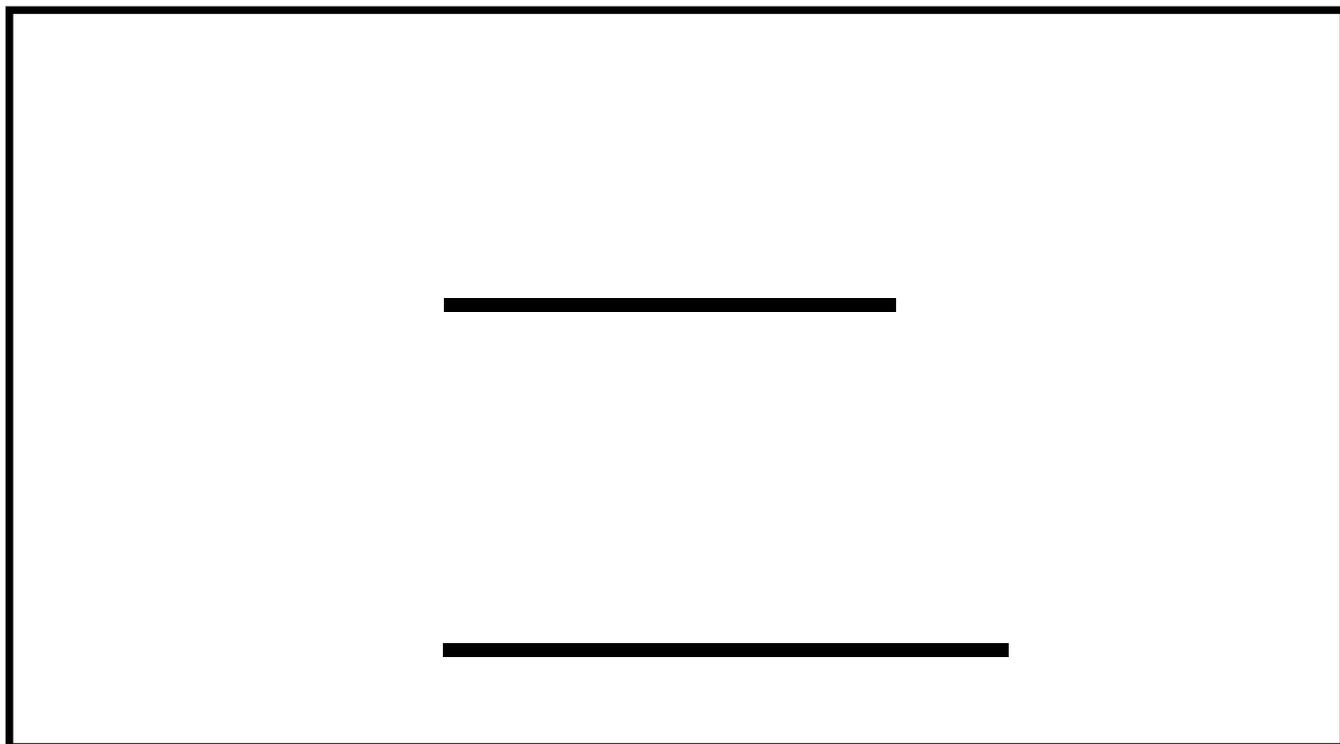
cional dos Jornalistas -, estabelece em sua agenda a comemoração do 10 de setembro, como Dia Mundial da Liberdade de Imprensa. Reconhece, porém, o 1º de junho, que

marca a publicação do Correio Braziliense como o Dia da Imprensa ideal. Criado também em 1808, o Correio foi fruto do exílio de José Hipólito da Costa em Londres e o primeiro a

trazer assuntos de interesse do Brasil. Era uma brochura com mais de cem páginas, com forte teor doutrinário e que defendia a independência do País.

Há polêmica em torno da melhor data para se comemorar o Dia da Imprensa no Brasil. Há quem sugira que o 13 de maio, que relembra a criação da Imprensa Régia, em 1808, e coincidentemente da abolição da escravatura em 1888.

Para o Sindicato dos Jornalistas, mais que a própria celeuma sobre o 10 de setembro, vale o significado que uma comemoração em torno do papel da imprensa e sua liberdade possam ter. Pensar e defender a liberdade, afinal, nunca é demais.





**C**ensores nas redações, prisões, torturas e mortes de jornalistas, receitas e versos de Camões em páginas de jornal. Imagens comuns quando se fala em liberdade de imprensa no Brasil. O tema ressucita até hoje monstros adormecidos há 20 anos, desde que passou a vigorar a Lei de Anistia. Mas, e nesses tempos de FHC? A liberdade de imprensa realmente existe, ou foi substituída por mecanismos de autocensura que, para muitos, é o único jeito de sobreviver trabalhando em uma redação?

“Eu acho que cada vez temos menos liberdade de imprensa”, diz Beto Almeida, editor e apresentador da TV Senado, de Brasília, e presidente da Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal. “Os meios de comunicação estão sendo cada vez mais conglomerados financeiros, ligados a outros ramos de atividade, como bancos e exportadoras, e submetidos à lógica comercial ou da audiência. Nunca é o interesse da comunidade”. Almeida explicita seu raciocínio enfocando a televisão. “Na TV há a patologia da audiência a qualquer custo. Ela não informa. E a exceção da rede pública, é difícil encontrar vida inteligente na TV. Na prática, o que está acontecendo é um distanciamento da família, de contextos humanistas, uma propensão a condutas de violência. Não é uma visão de moralismo, mas há poucos espaços para causas nobres. Precisaríamos de mais jornalismo-cidadão e da TV sintonizada com a cidadania”. Nesse contexto, onde se situaria o jornalista? Para Beto Almeida existem dois tipos de compor-

# Menos se tem, mais se quer



tamentos nos jornalistas: os que estão impotentes e “testemunham uma catástrofe em andamento, com os meios de comunicação entorpecendo a sociedade de forma perversa”, e os que são cúmplices desse processo, “o que é uma minoria”, ressalva Almeida.

### Direito de resposta

“A liberdade de imprensa deveria ser defendida como um direito vital do ser humano que é de informar e ser informado”, enfatiza Szyja Ber Lorber, diretor-adjunto de redação do Jornal do Estado. Ele considera “a

grande missão do jornalista se pautar pela verdade, mesmo ante problemas e pressões, hoje remetidas pelos anunciantes. “O fato é que jornais e revistas dependem desses anunciantes e, na medida que o interesse de um grupo econômico seja contrariado, são grandes as pressões. A liberdade a gente faz, vai tentando até onde pode, com responsabilidade”.

Liberdade de imprensa tem sido também constante nos pronunciamentos do senador Roberto Requião (PMDB), que freqüentemente diz só ter espaço na mídia paranaense durante o horário gratuito

aos partidos políticos. Defensor do direito de resposta em substituição à Lei de Imprensa, Requião, em pronunciamento no Senado, afirmou que a “irresponsabilidade de um ou outro jornalista e o interesse dos grandes grupos complicam a clareza e a limpeza da informação”. E enfatizou: “a imprensa censura, eliminando assuntos e pessoas da sua pauta”, prática que seria comum aos grandes veículos de comunicação, “porque os menores, vivendo suas contradições, se acabam constituindo no grande espaço de informação democrática no País”.

### Silêncio histórico

Junto com os jornalistas Ivan Heller e Walmar Marcelino, Luiz Geraldo Mazza, colunista da Folha do Paraná recebeu em agosto uma homenagem do Governo pelos 20 anos da Anistia. Uma formalidade na Assembléia Legislativa, segundo Mazza, que considera históricos os problemas com falta de ampla liberdade de imprensa no Paraná, uma questão cultural dos veículos de comunicação e dos jornalistas, que possuem o costume da autocensura. “Hoje há uma certa faixa de liberdade, porque o governo atrasa o

paga-mento aos veículos. Mas em geral não há debate, mas acomodação. Os jornais estão voltados a segurar o cliente, esse mal cliente que é o Governo”, diz.

Mazza considera o ex-governador Ney Braga o introdutor dos vícios na imprensa paranaense - que possui aspectos de coronelismo-, na década de 60. O jornalista lembra do acordo entre o ex-governador e Ari Carvalho, atual proprietário de O Dia, do Rio de Janeiro, e que na década de 60 dirigiu em Curitiba a sucursal da Última Hora. “O acordo protegia o Ney, o Badep, o Banestado e a Copel, que era a tríade do dinheiro. E o jornal parecia livre, porque metia o pau na polícia e no secretário de Segurança”. Quase três décadas depois desse acordo, Mazza critica a quase totalidade da imprensa paranaense por ter deixado na gaveta o caso do jornal Sinform, de Sergipe, que vem sendo processado pela Lei de Imprensa por denunciar os empréstimos contraídos por políticos junto ao Banestado. Mazza é testemunha de defesa do jornal, em um processo que corre de forma lenta, longe da mídia.

Para Luiz Geraldo Mazza, a única forma possível do jornalista ter liberdade é “falar, falar e falar” sobre o que pensa. Aos veículos, a sua receita é que eles façam investimentos em reportagem. “Hoje há um despreço pela reportagem. Perdemos o que era uma tradição na Folha do Paraná e em O Estado do Paraná. Temos de criar o hábito e voltar à reportagem”.



# A defesa do que conquistamos

**É** setembro. No calendário anual do Sindicato um mês vital para a categoria, quando teoricamente se definem os termos da nova convenção coletiva de trabalho e o índice de reposição das perdas salariais. Este setembro, contudo, deve ser diferente dos anteriores. A razão está na recusa dos patrões em negociar com os jornalistas no ano passado e em reajustar salários, mesmo com decisão do Tribunal Regional do Trabalho. Outra diferença: em 98 estavam em jogo apenas cláusulas econômicas. Agora, além delas, discutem-se reivindicações sociais.

Como determina a lei, os dois sindicatos de jornalistas do Paraná apresentaram em agosto a pauta de reivindicações para negociar com os patrões, em que prevalece o bom senso. A categoria quer manter as cláusulas sociais que estavam em vigor e ter a correção dos salários pelo índice estimado do INPC-IBGE, de 6,32%, referente à inflação entre outubro de 98 e setembro de 99. Nas cláusulas econômicas aparece, ainda, uma novidade: por força dos

aumentos promovidos pelo governo nas tarifas públicas e por falta de garantias de que a inflação permanecerá em

patamar suportável no país, os sindicatos propõem que as empresas reajustem os salários trimestralmente. Para

isso, já existe um índice confiável: o de Custo de Vida, que é mensalmente divulgado pelo Dieese - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos.

A pauta traz ainda outra reivindicação importante e que, pela recusa dos patrões em negociar, sequer foi discutida ano passado. É a criação da escala salarial para repórteres, inclusive os fotográficos, o que traz um diferencial de salário aos profissionais com mais anos de exercício na função e na empresa.

## Saúde

Outra cláusula importante na pauta dos sindicatos é o cumprimento de ações de saúde nas empresas. As empresas têm que adotar a saúde como prioridade e zelar pela integridade física dos jornalistas. Os sindicatos propõem que as empresas recebam a visita de um técnico ou médico do trabalho, a fim de que implementem as medidas por eles sugeridas. As empresas se obrigariam a proporcionar condições e ambiente adequados de trabalho, prin-

cipalmente quanto à iluminação, ruído, espaço, ventilação e mobiliário.

No caso dos jornalistas que acusarem sintomas de LER-Lesão por Esforço Repetitivo -, as empresas se obrigariam em preencher a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT). No caso de profissionais portadores do vírus HIV, os sindicatos propõem que as empresas assumam um compromisso social e assegurem o pagamento dos medicamentos necessários e não cobertos pelo INSS.

Enquanto os salários não subiram, os patrões reajustaram os preços de capa dos jornais

Diário Popular:

40%

Gazeta do Povo:

30%

Estado do Paraná:

30%

Folha do Paraná:

30%

Jornal do Estado:

16,6%

## Patrões aumentam preços

**O**s patrões comemoram os resultados do último ano. Só no custo do papel, jornais tiveram em média uma economia de 8 a 10%, após a redução do tamanho *standard*. Também houve considerável aumento na venda de jornais: 3,9% entre abril de 98 e 99. E não pararam os investimentos em tecnologia e nos parques gráficos. Só em Curitiba foram inaugurados no último

ano novos parques de O Estado do Paraná e da Folha da Imprensa. Há, porém, uma mácula nesse momento positivo das empresas. Os patrões se negam a cumprir até mesmo decisões judiciais, quando se fala em salários aos jornalistas.

Desde maio, quando o Tribunal Regional do Trabalho julgou o dissídio coletivo contra jornais e revistas, os patrões deveriam reajustar

aos jornalistas 3,16% nos salários e pagar a diferença retroativa desde outubro de 98. Estranhamente as empresas de comunicação no Paraná não atenderam a uma decisão da Justiça, que é tão defendida por eles em editoriais.

Os patrões que se revelam sensíveis com aumentos nos seus custos, que foram devidamente repassados ao público com reajustes de

preço de capa e do espaço publicitário, pouco ligam para o dia-a-dia dos seus jornalistas. Neste mesmo período houve aumento de preços em praticamente tudo. Entre outras coisas, subiram de preço as tarifas públicas, combustíveis, transporte coletivo e nos produtos da cesta básica, sem falar em dólar e nas tarifas e juros bancários.



Quase sem perceber, os jornalistas que estão em redações foram submetidos a um ritmo de trabalho cada vez mais intenso e estressante, sendo hoje raros os dias em que em cumprem as cinco horas definidas por legislação. O trabalho tornou-se mais agitado, mesmo com toda a tecnologia disponível. Para muitos jornalistas, as causas são uma incógnita dos tempos modernos da pro-fissão.

“Quem não quer uma vida estressada, que não seja jornalista”, aconselha Mari Tortato, editora-chefe da sucursal da Folha do Paraná, em Curitiba. Ela considera que o crescimento das cidades contribuiu para elevar o atual ritmo de trabalho nas redações, pois faz as equipes de reportagem gastarem mais tempo nos deslocamentos. “Cinco horas não é mais possível em Curitiba, a cidade cresceu muito”, diz. Mari defende que os jornalistas trabalhem sete horas por dia, desde que recebam mais por isso. O aumento da cidade é também apontado por Arnaldo Cruz, editor de nacional e internacional da Gazeta do Povo, e Elza Oliveira, professora da UFPR. Arnaldo recorda que nos anos 70, geralmente um jornalista permanecia na redação por cinco horas. “Eu fazia três pautas tranquilamente. Hoje há jornais que pedem dedicação exclusiva, porque não é mais possível trabalhar só em cinco horas”.

Cidades maiores também significam um aumento na quantidade de especialistas sobre um mesmo assunto e cuja opinião passa a ser exigida por uma editoria. “Os noticiários tornaram-se mais completos. Antes se tinha uma pauta sobre café e eu poderia conversar com duas pessoas. Hoje a mesma matéria exige quatro, cinco

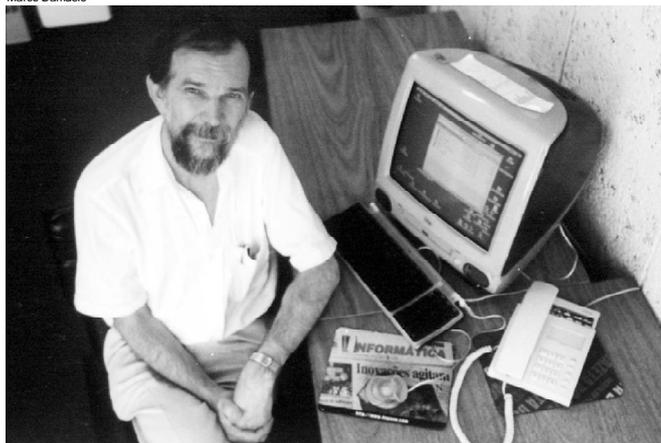
# Estresse nas redações

Marco Damásio



Mari Tortato: quem define o ritmo é o jornalista

Marco Damásio



Arnaldo Cruz: mais tempo de trabalho com o computador

fontes diferentes”, explica Arnaldo. Além disso, passaram os jornalistas a ter como fonte a *internet*, o que também demanda tempo. “Lendo os jornais eu sinto que as matérias estão melhores do ponto de vista de informação, com mais fontes e melhor apuração”, afirma Elza Oliveira. Recentemente, ela tentou conciliar a atividade como professora da UFPR e a função de editora na Folha do Paraná. Não deu certo. Elza entrava no jornal às 14:30 e não saía antes das 22:30. Passava, então, as

madrugadas e dias de folga corrigindo provas e organizando aulas.

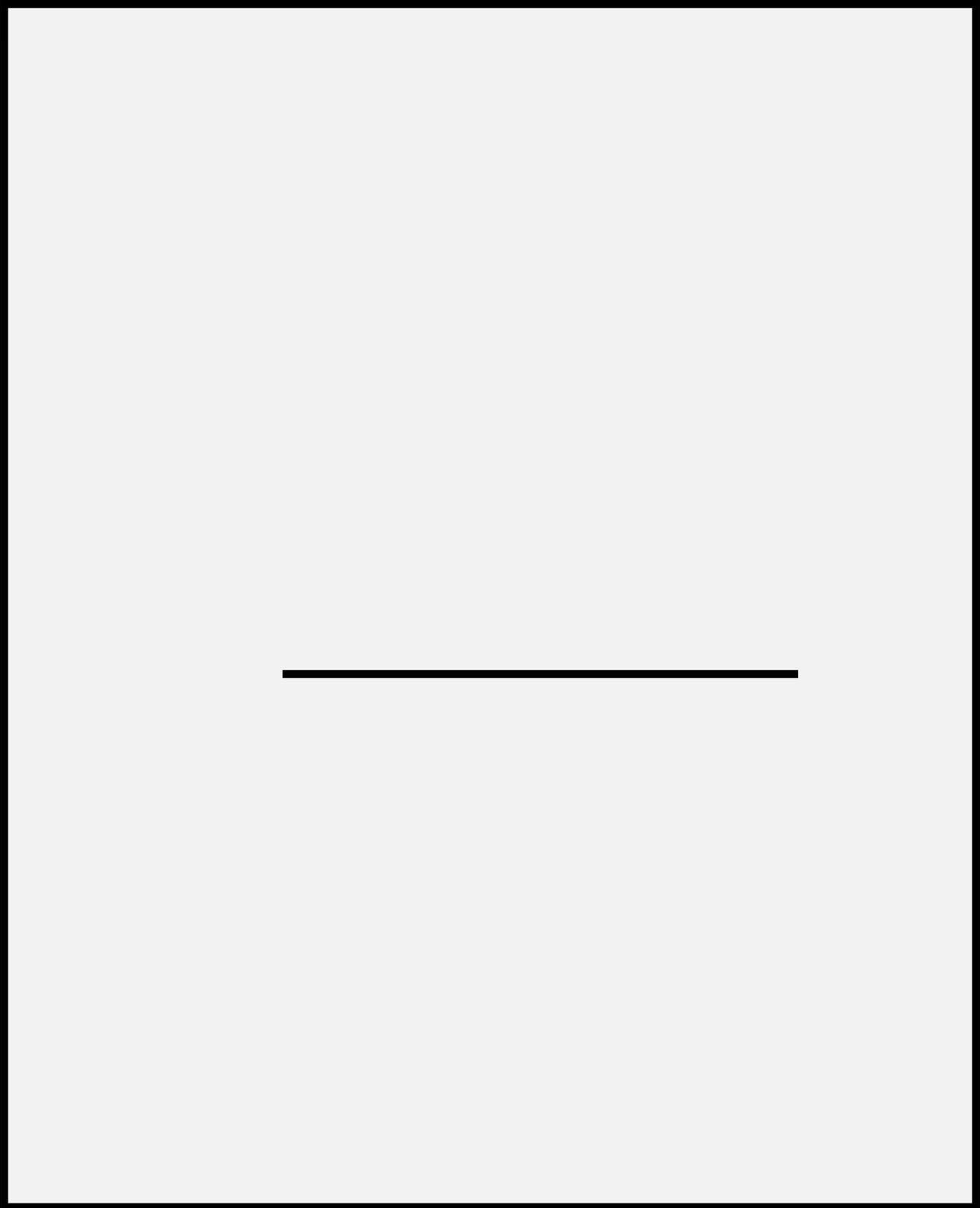
Mais tempo com a tecnologia “Quem define o ritmo é o jornalista e não a máquina”, diz Mari Tortato, para quem jornal é mesmo coisa para a “moçada”, quem tem energia. Arnaldo Cruz é da mesma opinião. “Por algum motivo, os jornais são feitos mais por jovens, por pessoas que estejam 24 horas ligadas na notícia”. Qual o mundo do futebol, que considera jogadores de mais de 30 anos veteranos ou inade-

do sistema e entrega a matéria pronta, revisada”, observou Arnaldo Cruz. A tecnologia, portanto, tem na prática subtraído mais tempo dos jornalistas. Em alguns casos, os fazem ainda mais tensos. Elza Oliveira, por exemplo, trabalhou para O Globo em sistema “online”, durante o processo de *impeachment* do então governador Paulo Afonso, em Santa Catarina. “Você manda a matéria a cada dez minutos, enquanto o fato está acontecendo. O profissional não tem possibilidade de relaxar em momento algum. Isso é muito louco”, diz. Ela considera uma contradição que toda a evolução tecnológica dos veículos não gere mais folgas e um ritmo de trabalho mais tranquilo nas redações.

Se os jornalistas estão trabalhando demais - em alguns casos 10, 12 horas por dia, é provável que o ritmo aumente ainda mais. Em entrevista ao jornal da Associação Nacional dos Jornais, Edgar Lisboa, diretor executivo da entidade, aborda a “guerra da velocidade” entre os veículos, travada por exigência dos proprietários e diretores, e da pouca qualidade de informação que existe na notícia em tempo real. Lisboa também comenta sobre o que considera o “jornalista do futuro”. Na sua opinião, este profissional atuará em diversas mídias e “fazendo isso a quase um só tempo e de um mesmo lugar”. Cabem, aqui, duas perguntas: Quem ganhará com isso? O jornalista?

quados para a seleção brasileira, jornalistas de mais de 40 anos que não acompanharam as mudanças ocorridas nos jornais na última década, certamente terão dificuldades em assimilar o atual esquema tático das redações. A começar pela supremacia do computador e suas exigências.

“O computador exige mais do jornalista, porque inclui mais tarefas para a função. Antes um repórter só fazia a reportagem e havia um pessoal para a revisão. Hoje, o jornalista trabalha dentro

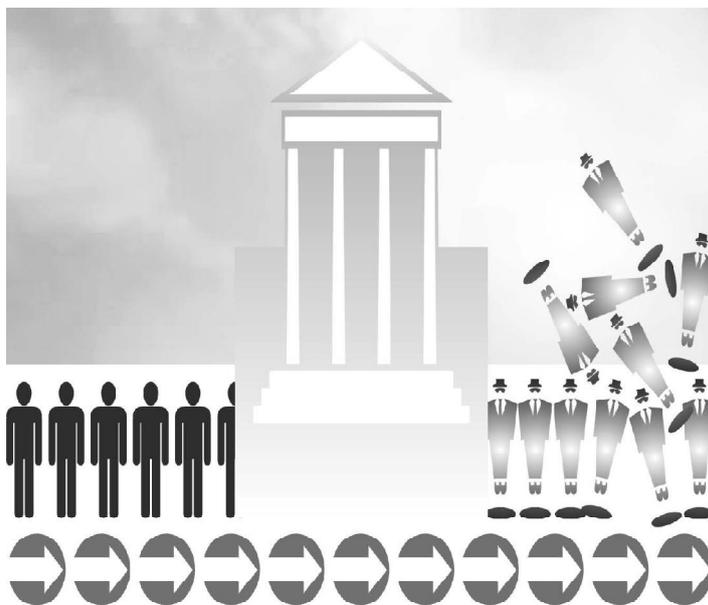




# PUC: Diagnóstico para o futuro

Mudanças curriculares devem acontecer na Pontifícia Universidade Católica no ano 2000, na esteira das novas diretrizes curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação. Um diagnóstico feito em abril pela Coordenação do Curso de Comunicação Social apresenta os aspectos fortes e fracos do Curso, bem como sinaliza o que a instituição tem de fazer para que não repita o mesmo conceito C no exame do Provão do ano passado.

No diagnóstico do Curso, apresentado pela jornalista e coordenadora Celina Alvetti, são reconhecidas qualidades do curso, como a tradição da instituição, sua infra-estrutura, a experiência de mercado por parte dos professores, a valorização da produção audiovisual, os convênios realizados com veículos de comunicação e a atividade de extensão na Central Inte-grada de



Comunicação, “que proporciona a aplicação de conteúdos teóricos em situações reais”. As fraquezas apontadas são: a inexistência de projetos formais de pesquisa, a ausência de produção científica, inviabilidade de

aulas práticas em alguns laboratórios e o número reduzido de professores com titulação na área.

O diagnóstico traz entre as prioridades da PUC para 2000 a introdução de mais conteúdos teóricos em disciplinas técnicas.

“Assim, a disciplina de Redação, por exemplo, deixa de ser eminentemente técnica, para em conjunto com outras disciplinas, permitir o aprofundamento teórico”, diz Celina Alvetti. Outras prioridades seriam a

aproximação do curso com a comunidade, através de ações comunitárias e parcerias, além da valorização do projeto experimental, a fim de que o aluno utilize em sua produção todos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

O diagnóstico também revela a preocupação da PUC de que o currículo atenda as atuais exigências do mercado de trabalho. Mais que dispor de matérias que abordem novas tecnologias - atualmente há somente as disciplinas Introdução à Informática, no primeiro ano, e Planejamento Gráfico em Jornalismo, no terceiro -, a PUC quer aprofundar a análise crítica dos alunos. E que os professores estejam atentos às novidades. Neste sentido, a PUC quer reforçar o projeto “Consultores do Mercado”, que levou alguns professores da universidade a conhecer “in loco” as novidades das empresas de comunicação.

## positivo

# Prática desde o primeiro ano

Por ter iniciado as aulas este ano, o Centro Integrado Positivo não deve em 2000 mudar seu currículo, em função da nova Lei de Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação. Alexandre Castro, coordenador do Departamento de Comunicação Social aposta na manutenção do projeto

que está sendo colocado em sala de aula, até porque disciplinas práticas são ministradas já a partir do primeiro ano.

O Positivo segue a atual diretriz geral do MEC, na qual 60% do curso compreendem disciplinas técnicas de jornalismo e 40% a formação cultural e ética do futuro profissional. A diferença de cursos

tradicionais é que o tronco comum os históricos dois primeiros anos de matérias teóricas-, vêm com disciplinas práticas. No primeiro ano, por exemplo, há disciplinas de Técnicas de Reportagem e Entrevista, Fotojornalismo e Planejamento Gráfico em Jornalismo, bem como prática de redação. No quarto ano, ao invés de

reservar mais tempo para o Projeto Experimental, o Positivo ainda ministrará aos alunos disciplinas teóricas como Estética e Cultura de Massa e Realidade Sócio-Econômica e Política Brasileira. “Nós acreditamos que essas cadeiras dão para o aluno uma formação bem completa”, diz Alexandre.

Ele também aposta suas fichas que a qualidade do ensino se conquista através da prática. Nesse caso, o Positivo tem cumprido à risca a edição de jornais laboratórios, por meio dos quais os alunos reproduzem o cotidiano de um jornalista profissional, inclusive entrevistas coletivas com políticos importantes do Estado.



# Cinegrafista é agredido em invasão de fazenda

Debora Lopez  
de Cascavel

Cascavel voltou aos tempos em que a selvageria e a brutalidade resolviam todos os problemas. Desta vez o principal atingido foi o repórter cinematográfico da TV Tarobá. Davi Ferreira da Silva foi agredido pelos jagunços da São Domingos, que havia sido invadida por integrantes do Movimento dos Sem Terra (MST), enquanto trabalhava.

O repórter cinematográfico foi agredido e empurrado sobre uma cerca de arame farpado, com isso ficou com hematomas por todo o corpo. Mesmo em uma situação como esta, o repórter não desligou a câmera em nenhum momento, e as imagens feitas enquanto era agredido foram vistas por todo o Brasil através da Rede Bandeirantes de Televisão.



A selvageria foi a principal arma de defesa dos jagunços da fazenda

O clima estava tenso no local. Em mais uma invasão de terras na região oeste do Estado houve tiroteio e agressão. O proprietário da fazenda, Ildemar Marino Canto, disse que estava “somente defendendo o que era seu”.

Segundo os jornalistas que estavam no local, o cinegrafista estava entre os sem terra e os “pistoleiros”. Os

seguranças da fazenda pararam em frente aos invasores e desceram da caçamba da caminhonete. Eram sete ou oito, armados com escopetas calibre 12, e diziam que iriam tirar os sem terra dali de qualquer forma. “E eles não queriam que isso fosse filmado. Se o cinegrafista não estivesse ali, a coisa ia ficar feia”, conta André Rocha, repórter de

um jornal local que estava trabalhando na invasão.

“Estava filmando a movimentação, e quando virei para filmar os jagunços, só senti que vieram para cima de mim e me empurraram até eu cair em na cerca. Senti que ele tinha a arma em uma mão e me empurrava com a outra”, destaca Davi. E complementa, “a maior preocupação era com a câmera”.

A situação acalmou-se, e toda a população de Cascavel e região indignou-se com as imagens da agressão, que foram divulgadas pela mídia.

A emissora já registrou queixa contra o agressor. Ildemar, um dos proprietários das terras, garantiu que o agressor é seu funcionário. “Só não entendo porque um empregado estaria encapuzado”, declara Taniçler

Marcon, diretora de jornalismo da TV Tarobá. E complementa, “agora só nos resta esperar o resultado do inquérito e manter o nosso repúdio a este ato violento contra o nosso funcionário, que estava cumprindo a sua função”.

Correm boatos na cidade de que a emissora não tomaria nenhuma posição em relação ao fato devido a outras questões agravantes (ou seriam deter-minantes?). Segundo as informações de fontes que preferem não ser identificadas, o proprietário de uma das fazendas, e conseqüentemente um dos responsáveis pela agressão, é um dos principais anunciantes da emissora, o que fez com que qualquer atitude relacionada ao caso fosse “esquecida”. “Não há nenhuma espécie de pressão, tanto que o fato foi divulgado em nível nacional. E mesmo que houvesse alguma relação entre a emissora e o proprietário, manteríamos a nossa atitude divulgando e repudiando a agressão”, esclarece Taniçler.

É... Vida de jornalista não é fácil. Sopapo daqui, escorregadelas dali, e a realidade do mercado sempre acaba batendo à nossa porta...

## O fim da Injustiça

A Revista Injustiça fechou as portas. A decisão foi tomada na segunda quinzena de agosto pelo seu diretor Sayro Caetano, que nos últimos meses já enfrentava problemas com a demissão de toda sua equipe de jornalistas e pelo sensacionalismo desen-freado que tomou corpo ao longo das edições.

Nos quatro meses em que circulou, a Injustiça ficou conhecida por uma estratégia de venda agressiva, em que vendedoras paravam pessoas em ruas centrais, numa atitude muitas vezes constrangedora. A revista possuía, ainda, carro de som, através do qual anunciava

suas principais manchetes. Outro aspecto da Revista foi o seu bordão - “Que injustiça !”-, geralmente nas matérias que traziam algum aspecto negativo da sociedade, ou uma denúncia.

Ao fechar suas portas, ficaram em aberto dívidas com os jornalistas que lá trabalharam e a apuração de denúncias sobre extorsão de empresas que seriam estampadas nas páginas da revista com matérias sensacionalistas, a menos que fizessem anúncios. O diretor do veículo havia tentado substituir os profissionais por estagiários e, inclusive, havia feito anúncio em jornal de grande circulação, oferecendo R\$ 150 reais por mês.

O Sindicato dos Jornalistas entrou em contato com a direção da Revista e a informou da ilegalidade que significa a contratação de estagiários, que existe um piso salarial para jornalistas no Paraná. Como resposta, o Sindicato chegou a ser “denunciado” pela revista em sua última edição, matéria marcadamente sensacionalista e inverídica.

Com o fim da Injustiça, restaram problemas além dos cartazes em bancas de revistas. Os jornalistas que lá trabalharam estão procurando na Justiça receber salários e adicionais não pagos pela revista. Isso, sim, uma injustiça !

## Grevistas agredem repórter-fotográfico

O repórter-fotográfico Átila Alberti foi agredido por caminhoneiros em 28 de julho, quando cobria em Campo Largo a greve realizada pela categoria em todo o País. Átila fotografava um motorista de um carregamento de peixes, segurando dois peixes estragados, quando recebeu de manifestantes empurrões, pontapés e ofensas verbais.

Para não perder a máquina e pôr fim à agressão, Átila teve de negociar: cedeu o filme que estava na máquina e, com outro filme, fotografou outro cami-

nhoneiro, escolhido pelos manifestantes.

Os caminhoneiros estavam revoltados com a postura da imprensa, que noticiou a greve sob o enfoque dos prejuízos que ela acarretou ao comércio e às indústrias, e em razão do alerta que fez de que alimentos começavam a faltar nos mercados. A greve dos caminhoneiros teve como causa os problemas financeiros enfrentados pela categoria, em razão das multas aplicadas pela Polícia Rodoviária, o preço dos pedágios e a má condição das estradas.



# Os grandes donos da mídia francesa

Casemiro Eugênio Linarth

Em nenhum outro grande país democrático o conluio entre os grandes interesses financeiros e a mídia, que vai da imprensa a editoras passando pelo rádio e pela televisão, parece tão gritante como na França. O fenômeno existe em todos os países latinos, sobretudo na Itália, porém em grau menor. Mesmo nos Estados Unidos, a General Electric possui a cadeia de televisão NBC. Mas na França é um festival e um perigo para a democracia, na opinião da revista *Le Nouvel Observateur*, que publicou em julho uma longa matéria sobre a mídia daquele país europeu.

Ainda há pouco tempo, François Pinault, que tem uma fortuna pessoal de 6,4 bilhões de dólares segundo a última classificação da revista americana *Forbes*, estava competindo com Bernard Arnault (6 bilhões de dólares) e Serge Dassault (3,4 bilhões). Esses bilionários não estavam brigando para controlar um grande grupo industrial, mas o jornal preferido da elite econômica francesa: *Le Figaro*.

Os confrontos são impiedosos e neles se misturam dinheiro, política, imprensa e ambições pessoais. A tutela dos capitães da indústria sobre os grandes veículos de informação é tão antiga e tão arraigada nos costumes franceses que não choca mais ninguém.

Essa estranha exceção francesa dá consistência às críticas sobre a dependência dos jornais como as que são feitas pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Segundo ele, a imprensa e as editoras são dominadas pelas forças do dinheiro que deturpam deliberadamente a realidade social francesa, impõem o pensamento único e a visão liberal do mundo, fazem o jogo dos interesses norte-americanos e aceleram um processo de alienação das massas. Servis por natureza e obrigação, os jornalistas não passam de "cães de guarda" do grande capital, usando o título de um livro escrito pelo jornalista Serge Halimi, do jornal *Le Monde*

*Diplomatique*.

Outro crítico severo da tutela dos grupos industriais sobre a mídia é Daniel Schneidermann, jornalista do *Le Monde* e animador de programas de televisão. Ele diz que a mídia pertencente a um grupo empresarial geralmente silencia sobre problemas e favorecimentos que ocorrem com negócios desse grupo em outras áreas. Mas isso não significa que os jornais pertencentes aos grupos industriais estejam amordaçados e que a liberdade de expressão seja defendida apenas pela televisão pública, por *Le Monde*, *Le*

quando domina um grande grupo multimídia.

A saúde financeira de um jornal é também a chave da sua independência, num sistema em que a publicidade tem um peso crescente e que é cada vez mais influenciado, e às vezes manipulado, pelos especialistas da comunicação, quando eles agem por conta das empresas ou dos partidos políticos.

As relações com a redação

Às vezes o industrial é até considerado um protetor da redação. É o caso do *Liberation*,

dono, aceitou não se opor às críticas sobre suas empresas feitas pela redação. O sistema de conselho e de diretório instalado no *L'Express* funciona bem e o jornal ampliou sua independência.

As relações entre as redações e os grupos industriais que tentam controlá-las são mais complicadas do que parece. As redações têm uma vida própria, uma autonomia ligada à sua história, e os donos são os primeiros a perceber isso. Há redações rebeldes e redações dóceis. Algumas até se adiantam em conquistar as graças do novo

força a linha política de um grande jornal foi feita por Jimmy Goldsmith, então dono do *L'Express*. O bilionário anglo-francês assumiu a direção do jornal para torná-lo órgão militante do liberalismo mais desenfreado. A tentativa foi um fiasco. Antes de morrer prematuramente, Goldsmith tornou-se defensor do protectionismo e *L'Express* não mudou de linha.

Diante dos ímpetos patronais, a força das redações está em apoiar-se numa cultura, numa história, na fidelidade dos leitores. Qualquer mudança intempestiva espanta os leitores, estraga a imagem e arrasta o jornal numa ladeira fácil de descer e difícil de tonar a subir. Um proprietário, a menos que seja um ideólogo puro, tem como objetivo principal valorizar seu investimento. Portanto, é do seu interesse proteger a independência dos seus jornalistas.

Nada de ingenuidade, porém. Se os patrões compram jornais, é para incrementar seus negócios. Já a prática dos jornalistas em relação aos negócios do seu acionista principal é tratá-los com maior prudência. E quando ocorrem problemas com ele, o caminho seguido é o profissionalismo e a habilidade: ater-se aos fatos, sem carregar nas tintas ou não escrever nada.

Com a internet a informação circula tão rápido, o sistema tornou-se tão transparente, que já não é possível ocultar grande coisa. Por isso, os espaços de liberdade continuam grandes na mídia francesa, e até maiores do que antes. Mas o sistema está desgovernado e é urgente corrigir os excessos. O caminho, segundo o *Le Nouvel Observateur*, é ampliar o campo de intervenção das sociedades de redatores, que decidem o que vai ser publicado no jornal; multiplicar as cartas de deontologia que fixam, para as redações, os limites que não podem ser transpostos; firmar, como no *Liberation*, contratos entre o acionista e a redação, que definem os direitos e os deveres de cada um; e dotar as empresas de notícias de estatuto de proteção especial.

Casemiro Eugênio Linarth é jornalista



*Parisien*, *Les Echos*, *Capital*, *Le Nouvel Observateur* e alguns outros, que formam o último baluarte dos jornais financeiramente independentes da grande indústria.

Alguns executivos dos grandes grupos econômicos que passaram a controlar veículos da mídia francesa começaram a entender que a influência não se mede apenas pela posse de alguns títulos, por mais importantes que sejam. Ou eles são independentes e a influência do dono sobre o seu conteúdo é pequena, ou são dóceis e, portanto, têm pouca credibilidade. Assim, a mídia só tem poder quando tem credibilidade, em toda a parte e em todo o tempo, usando todos os artifícios da comunicação, e

com Jérôme Seydoux, grande produtor de cinema. Seydoux é um capitalista que dá liberdade ao diário, aliás protegida por contrato. Mesmo que às vezes ele se irrite ao ver criticado severamente um filme que produziu nas colunas do jornal. Com razão ou não, em algumas circunstâncias, os jornalistas acham que o controle do veículo por um grupo industrial poderoso traz para eles mais vantagens do que inconveniências, inclusive em termos de liberdade.

No *L'Express*, por exemplo, existe um muro entre o capital e a administração. Um duplo muro, até, formado por um conselho composto por personalidades incontestáveis, presidido por um ex-dirigente do jornal, e por um diretório. Serge Dassault, o novo

dono, publicando matérias favoráveis aos seus negócios, e às vezes exagerando além da conta.

Não é o caso de *La Tribune*, um diário de dominante financeira, fundado por ex-jornalistas do *Le Monde* e comprado por Bernard Arnault em 1994, depois de vários problemas. Os atritos entre a redação e o dono são constantes. Arnault é de direita, mas o diário continua fiel aos seus conceitos de origem, mais à esquerda.

Os grandes patrões, acostumados a serem obedecidos prontamente, sempre têm a tentação de fazer uma limpeza nas redações consideradas rebeldes, para formar uma equipe que eles controlam. Nos últimos anos, a única tentativa para mudar pela



# Câmara poderá ter canal de TV

A Câmara Municipal de Curitiba poderá ter um canal democrático de comunicação. Se depender da vontade dos vereadores, ela seguirá o exemplo de capitais como Porto Alegre e São Paulo e do Senado Federal, em Brasília, e ocupar o canal que lhe foi reservado nas transmissoras de TV a cabo em 95, através da lei 8.977. Até o momento, um projeto sobre a instalação da TV Câmara, de autoria do vereador Paulo Salamuni (PMDB), possui treze assinaturas favoráveis. Faltam cinco para que obtenha a adesão da maioria dos 35 vereadores da casa, o que reforçaria sua adoção.

“Eu poderia apresentar um requerimento só com minha assinatura, mas com 18 crio um impasse na Câmara e tenho como advogar em plenário”,

diz Salamuni. O projeto tem como modelo a TV Câmara de Porto Alegre - cidade de tamanho proporcional a Curitiba e mesmo número de vereadores-, com um custo R\$ 20 mil de manutenção. Isso representaria 0,17% do orçamento mensal destinado à Câmara de Curitiba, que é de R\$ 35 milhões. Se aprovada, a TV contaria com uma equipe de 10 profissionais, contratada por licitação, sendo que pelo menos cinco seriam jornalistas.

#### Transparência política

A criação da TV Câmara não tem o apreço do presidente da casa, João Derosso (PFL), que alega o alto custo para sua manutenção. Outro problema seria a necessidade de reformas no prédio, para abrigar uma ilha de edição. “Tudo isso é bobagem. O valor



Marco Damasio

Paulo Salamuni acredita que TV Câmara mudará perfil dos vereadores

não é tão alto assim e a ilha de edição seria em outro local, em uma empresa terceirizada”, responde Salamuni. O obstáculo é mesmo político.

“A Câmara não quer ser fiscalizada e que os eleitores possam acompanhar o que se diz e faz aqui dentro”, afirma o vereador Tadeu Veneri (PT), um dos signatários do projeto. Veneri acredita que a TV, por exemplo, inibiria alguns maus costumes e jogos de cena de

vereadores. “Há vereadores que apresentam projetos, lêem, discutem e o retiram no dia da votação, quando não votaram contra seu próprio projeto. Depois, dizem aos eleitores que fizeram sua parte, levaram o projeto e este não foi

aprovado pela casa”, afirma Veneri. Outros problemas que a TV mostraria: as reuniões esporádicas das comissões internas- quando o regimento prevê uma por semana-, e o início das sessões sem o número regimental de 12 vereadores, o que tem acontecido ano inteiro.

Como acontece com a TV Senado, a TV Câmara transmitiria sem cortes e ao vivo as sessões plenárias - com

reprises à noite-, e as reuniões das comissões internas. Também divulgaria debates entre vereadores e sociedade, além de produzir dois telejornais diários. “É uma idéia de produção profissional. E os jornalistas trabalhariam com liberdade absoluta, sem censura e pressão dos legisladores da casa”, explica Salamuni.

Salamuni quer através da TV mudar o perfil dos vereadores e da Câmara. “A TV Senado mudou o perfil dos senadores, seus depoimentos e as CPIs. Aqui, com a TV Câmara, até a pauta seria mais interessante”. O vereador espera que seus colegas trabalhem menos em questões acessórias- nomes de ruas e utilidade pública-, e discutam o que realmente interessa à comunidade. É esperar para ver.



A imprensa paranaense está noticiando de forma isenta a questão da reforma agrária e os conflitos entre Movimento Sem Terra e ruralistas no Paraná? O Extra Pauta foi conhecer a opinião dos líderes do MST e dos ruralistas sobre a imprensa, apresentando a eles as mesmas perguntas. Mais que uma demonstração de imparcialidade explícita, uma forma de mostrar aos coleguinhos os dois lados da mesma moeda, para que cada um tire suas conclusões.

# A imprensa combate o

**R**oberto Baggio é o coordenador estadual do MST no Paraná. O cargo o faz dirigir não apenas as ações do movimento, como o transformou no porta-voz do MST no Estado, sendo constantemente procurado por jornalistas para entrevistas em rádios, TVs e jornais.

*Extra Pauta- Como o senhor avalia o papel da imprensa na questão da Reforma Agrária?*

Roberto Baggio- A imprensa tem um papel importante, na medida em que dá elementos para que a opinião pública tenha um conhecimento mínimo das questões que o País enfrenta e que, em nenhum momento, foram tratadas de frente pelos governantes. Num primeiro momento, sentimos que a imprensa contribuiu para elevar o debate. Mas, na medida em que este debate ocupou toda uma agenda, ela utilizou uma estratégia diferente, no sentido de combater a luta do MST, porque se esta luta ganhar maior amplitude representará uma derrota política para a elite que governa o País.

*EP- A imprensa paranaense tem dado espaço para seu movimento?*

Roberto Baggio- A imprensa tem tratado de forma muito negativa a luta do movimento do Paraná. Tem contribuído para atender aos interesses dos grandes latifundiários, a oligarquia representada na estrutura do poder judiciário, político e econômico. Alguns veículos de comunicação têm utilizado a tática de fazer o

juízo antecipado do MST, no sentido de criminalizá-lo, atendendo aos interesses dessa elite. A imprensa só aborda o MST quando está vinculado à ocupação de terra.

*EP - O MST teve problemas com matérias publicadas no Paraná?*

Roberto Baggio - As matérias que jornais e televisões publicam são versões oficiais, não correspondem à realidade. Nós sentimos que não há uma análise, um filtro, uma certificação. Muitas vezes, os jornalistas não podem fazer uma matéria independente, porque o diretor filtra, o jornal recebe verbas do governo, o governo mesmo filtra.

*EP- E com jornalistas? Já tiveram problemas?*

Roberto Baggio- De forma geral, os jornalistas, na medida que conhecem a fundo a problemática, têm uma simpatia para a causa do movimento. O problema é que o poder do jornalista é mínimo em função do dono do jornal.

*EP- Que jornais paranaenses têm sido parciais na cobertura sobre a reforma agrária?*

Roberto Baggio- Os jornais no Estado do Paraná, com raras exceções, têm mantido uma posição de combate à luta do MST. A gente compreende e entende que o governo do Estado monitora muito. Em toda essa onda de violência e perseguição ao MST, esse combate com motivação política que a Secretaria de Segurança Pública aplicou

# MST

Baggio admite: a luta do MST não depende da imprensa



Marco Damásio

sobre o movimento, só se furou o cerco quando a questão no Paraná ocupou o espaço político nacional. A partir daí os jornais e as televisões começaram a pautar a problemática no Paraná. Isso em função do cerco político que o Estado mantém sobre a imprensa local.

*EP- No caso de matérias sobre ocupações de fazendas, a imprensa tem as noticiado de forma imparcial?*

Roberto Baggio- As matérias que têm saído sobre ocupações são negativas. Elas não correspondem à verdade e dão uma versão muito superficial, errônea, justamente a versão do latifúndio, do governo do Estado ou da polícia, o que é mais grave.

*EP- E ao noticiar as reintegrações, feitas pela Polícia Militar do Estado?*

Roberto Baggio- Da mesma forma. A versão da imprensa é sempre essa: "sem-terras ocuparam áreas produtivas". Há áreas em que há desapropriação e a

imprensa noticia que a fazenda é produtiva, porque o fazendeiro falou. Agora, não vai pegar o laudo no Incra, se certificar.

*EP- As imagens de violência que apareceram na TV, de fatos imputados ao MST ou a Polícia Militar têm mudado a opinião pública na questão da reforma agrária?*

Roberto Baggio- As imagens decidem o jogo. Não por si só, mas dentro de um cenário de vários acontecimentos. A sorte do MST é que a luta pela reforma agrária não depende dos meios de comunicação, depende de mudanças mais estruturais. Ela não depende só da imprensa cobrir ou não cobrir a matéria, porque o problema é social. Não foi o movimento que gerou a crise e sim a crise que gerou o MST.

*EP- Como o senhor analisa as matérias que a imprensa fez sobre o acampamento em frente ao Palácio Iguazu?*

Roberto Baggio- Alguns grandes jornais e televisões

tentaram combater, no sentido de fazer com que a população ficasse contra o acampamento. Mas o tempo foi passando e o acampamento estabeleceu uma relação política com a sociedade. Muitas pessoas passaram a visitar o acampamento e falaram que ele não é o que a televisão mostra.

*EP- A imprensa tem prejudicado seu movimento frente à opinião pública?*

Roberto Baggio- Em vários momentos o governo tentou jogar a opinião pública contra o MST para justificar a repressão. Graças a Deus, a sociedade sempre nos apoiou e é isso que possibilita que o movimento sobreviva. Na medida em que o governo tenta jogar a sociedade contra o MST, vai criminalizar o movimento e utilizar mecanismos de repressão, de tortura, de assassinatos e tudo mais. Se conseguimos sobreviver nesses 15 anos foi fundamentalmente pela solidariedade do povo urbano.



# A imprensa é mal

O deputado Divanir Braz Palma (PPB) é presidente do recém criado Conselho Estadual de Defesa da Propriedade Privada, que integra a bancada ruralista na Assembleia Legislativa. Além de político e ruralista, é proprietário de uma emissora de rádio em Maringá.

**Extra Pauta-** *Como o senhor avalia o papel da imprensa na questão da Reforma Agrária ?*

**Braz Palma-** A imprensa tem papel preponderante não só na reforma agrária, como em todas as questões sociais, porque leva ao conhecimento da opinião pública o que está acontecendo em cada segmento. Com relação à reforma agrária, ela tem dado um espaço bastante grande para o MST. Sou presidente do Conselho Estadual de Defesa da Propriedade Privada, que tem como suporte toda a base ruralista da Assembleia Legislativa, e vou levar ao conhecimento dos proprietários e redatores-chefes dos jornais, das televisões e das rádios os objetivos desse Conselho. Estamos otimistas e esperamos que vamos conseguir um igual espaço ao que é dado ao MST.

**EP-** *A imprensa tem dado espaço para seu movimento ?*

**Braz Palma-** A gente não tem nenhuma reclamação, em particular. Mas, a gente sente que na mídia, de forma geral, existe uma boa vontade em dar mais espaço para o movimento esquerdista. O que existe é que o MST é organizado, enquanto os ruralistas ainda não despertaram para a importância de se unir.



Marco Damascio

**EP -** *Os ruralistas tiveram problemas com matérias publicadas no Paraná ?*

**Braz Palma-** Em especial, não. Mas há uma potencialização quando existe uma tentativa de desocupação de uma fazenda. Em alguns incidentes sempre aparece "o mais fraco sendo oprimido" e não se tem ido ao âmago da questão. Nós temos 700 mil bóias-frias que acordam às quatro e meia da manhã e voltam às 8 horas da noite para ganhar oito reais. Essas pessoas não têm ligação com o MST, são os verdadeiros homens brasileiros que trabalham a terra, ligados à terra.

**EP-** *E com jornalistas? Já tiveram problemas?*

**Braz Palma-** Casos esparsos, sim. Eu sou do ramo, tenho rádio em Maringá, e sei que existe uma certa falta de informação ao jornalista, de forma geral. Se mergulharmos no MST, vamos ver que é um movimento ideológico e que não tem preocupação em tomar a terra para produzir.

Esse movimento tem um objetivo político e faz da terra um meio para chegar ao poder. Dou um exemplo: uma comissão de deputados foi visitar nove propriedades rurais que foram desocupadas, fazendas com membros do MST acampados lá por mais de dois anos e que não tinham um pé de alface plantado. As fazendas só foram depredadas, desmanchadas. Nós fomos à imprensa, fizemos um relatório sobre isso e entregamos. Mas não teve repercussão, porque não interessa. Esse apelo eu faço: a imprensa que faz a opinião pública precisa ir ao âmago da questão.

**EP-** *Que jornais paranaenses têm sido imparciais na cobertura sobre a reforma agrária?*

**Braz Palma-** Temos bons jornais. A Gazeta do Povo tem feito um bom trabalho, a Folha do Paraná também e, na minha região, o Diário do Norte do Paraná tem dado um espaço muito amplo para os ruralistas, porque está mais próximo da região rural.

**Para Braz Palma, a imprensa é condescendente com o MST.**

que, de início, pode inibir as pessoas. E tudo isso cria um clima de guerrilha, que é prato cheio para despertar a atenção, produzir um material farto.

**EP-** *As imagens de violência que apareceram na TV, de fatos imputados ao MST ou a Polícia Militar têm mudado a opinião pública na questão da reforma agrária ?*

**Braz Palma -** Toda a violência gera repugnância. O que nos falta é desmistificarmos esse movimento.

**EP-** *Como o senhor analisa as matérias que a imprensa fez sobre o acampamento em frente ao Palácio Iguazu ?*

**Braz Palma-** A imprensa é condescendente. Se fizesse um movimento violento, faria as autoridades cumprir os mandados de reintegração. Mas, isso não interessa, porque o problema da imprensa é que todos estão vendo superficialmente. Por favor, olhem o passado de cada líder do MST, vejam do que vive essa gente, onde buscam recursos. Vejam se alguns deles são produtores. Cabe à imprensa chegar ao âmago da questão.

**EP-** *A imprensa tem prejudicado seu movimento frente à opinião pública ?*

**Braz Palma-** Não chega a prejudicar. A própria opinião pública, se uma pesquisa perguntar se ela aprova a ocupação da Praça Nossa Senhora de Saete, acredito que vai repudiar isso aí. A maioria não apoia.

A imparcialidade surge com os dados que se têm em mãos, com a conscientização, porque a pessoa passa a ver que o movimento que está aí não quer terra.

**EP-** *No caso de matérias sobre ocupações de fazendas, a imprensa tem as noticiado de forma imparcial ?*

**Braz Palma-** O MST leva uma vantagem porque está organizado. Aí a imprensa tem mais munição e material fornecido pelo MST, que passa a possuir mais espaço.

**EP-** *E as notícias sobre reintegrações, feitas pela Polícia Militar do Estado ?*

**Braz Palma-** Nas desocupações a gente leva desvantagem, porque a imprensa fica sabendo. No caso das invasões, não. Eles agem na calada da noite, entram a qualquer hora. O povo vai saber depois, não tem aquele momento do flagrante. As matérias mais contundentes são as das desocupações, porque é preciso uma força policial

## Abordagem diferenciada

A equipe do Extra Pauta acompanhou o noticiário da imprensa na questão da reforma agrária em julho e agosto. Nesses meses o MST teve mais espaço na mídia que os ruralistas. Isso se justifica pelo fato da imprensa ter considerado o

Estado a principal antítese ao MST no Paraná, o que reforça as conotações políticas do problema.

A imprensa tem enfatizado o confronto. Um exemplo: ao analisar a reunião entre MST, Governo e o ministro de Política

Governo do Fundiária, Raul Jungmann, o Jornal do Estado utilizou no editorial de 12 de agosto a palavra "round", mais adequada a lutas de box. E sobre a reintegração ocorrida em Conselheiro Mairinck, a Gazeta do Povo em 11 de agosto, inicia a matéria enfatizando: "pode haver confronto hoje entre

trabalhadores sem-terra e policiais militares...".

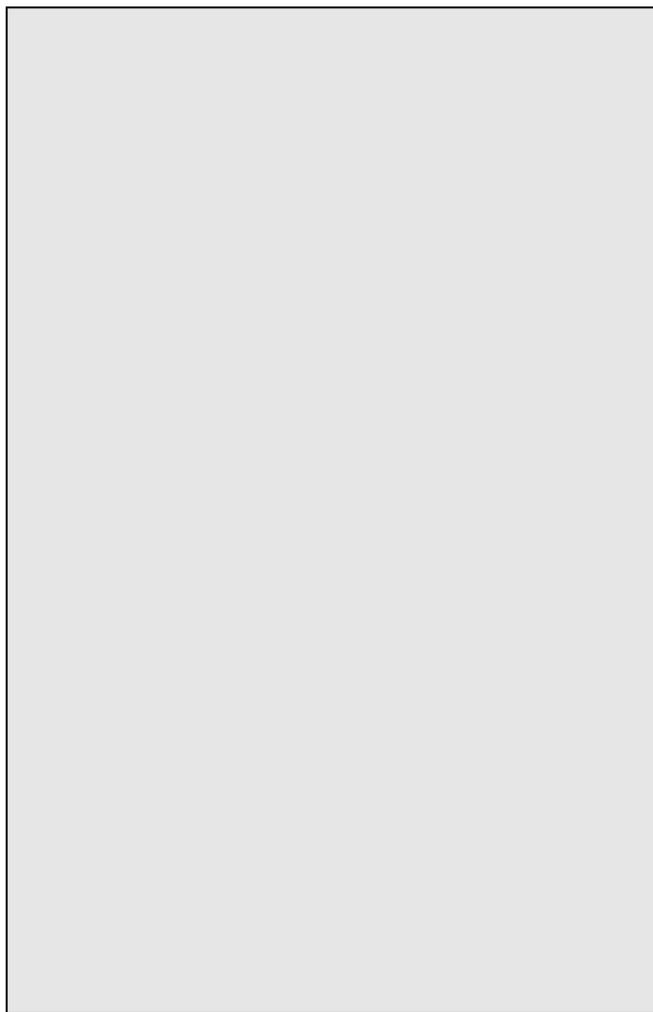
O MST aparece mais nos jornais que os ruralistas, mas o enfoque é quase sempre negativo e as notícias são sobre invasões e confrontos com a polícia militar. Um poucas matérias positivas foram publicadas quando os sem-terra

fizeram serviços voluntários à Pastoral da Criança. O Estado do Paraná, que como os demais jornais tem se pautado por tratar o MST quando das invasões, fez em 8 de agosto uma abordagem isenta: publicou entrevistas com João Pedro Stédile, do MST, e Tarcísio Barbosa de Souza, da UDR. A diferença com



democracia e debate

# 4º Congresso dos jornalistas, virtual e real



*O 4º Congresso Estadual dos Jornalistas deverá ser o primeiro evento dessa natureza realizado no País, utilizando a tecnologia como ferramenta para democratizar os debates e as decisões sobre os rumos de uma categoria.*

Imagine um Congresso Estadual de Jornalistas sendo realizado em quatro cidades simultaneamente, que tenha dois meses de duração e que nos últimos três dias seus participantes possam decidir de verdade os rumos da categoria para os próximos anos. Bem, este Congresso não é imaginário, ele é real, mas também é virtual.

Está confuso? Vamos aos detalhes:

O 4º Congresso Estadual dos Jornalistas acontecerá em Guarapuava, entre 26 e 28 de novembro, tendo como tema a Formação dos profissionais. O evento é promovido pelos sindicatos de jornalistas do Paraná e de Londrina, com organização do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná e da delegacia de Guarapuava, além do apoio da Secretaria de Estado de Assuntos Estratégicos e da Intranet Paraná.

O tema Formação será subdividido em três linhas de discussão: formação profissional (a partir da universidade), qualificação profissional (o aperfeiçoamento dos jornalistas que já estão no mercado de trabalho) e a formação para a cidadania (que envolve por um lado a atuação consciente do cidadão jornalista perante a sociedade, e por outro, o reflexo de sua responsabilidade social implícita no exercício profissional).

Cada linha de discussão terá um conferencista específico, que além de falar sobre o assunto, permanecerá no Congresso debatendo com os grupos de trabalho, enriquecendo o nível da discussão e obviamente

o resultado final do Congresso.

E a virtualidade?

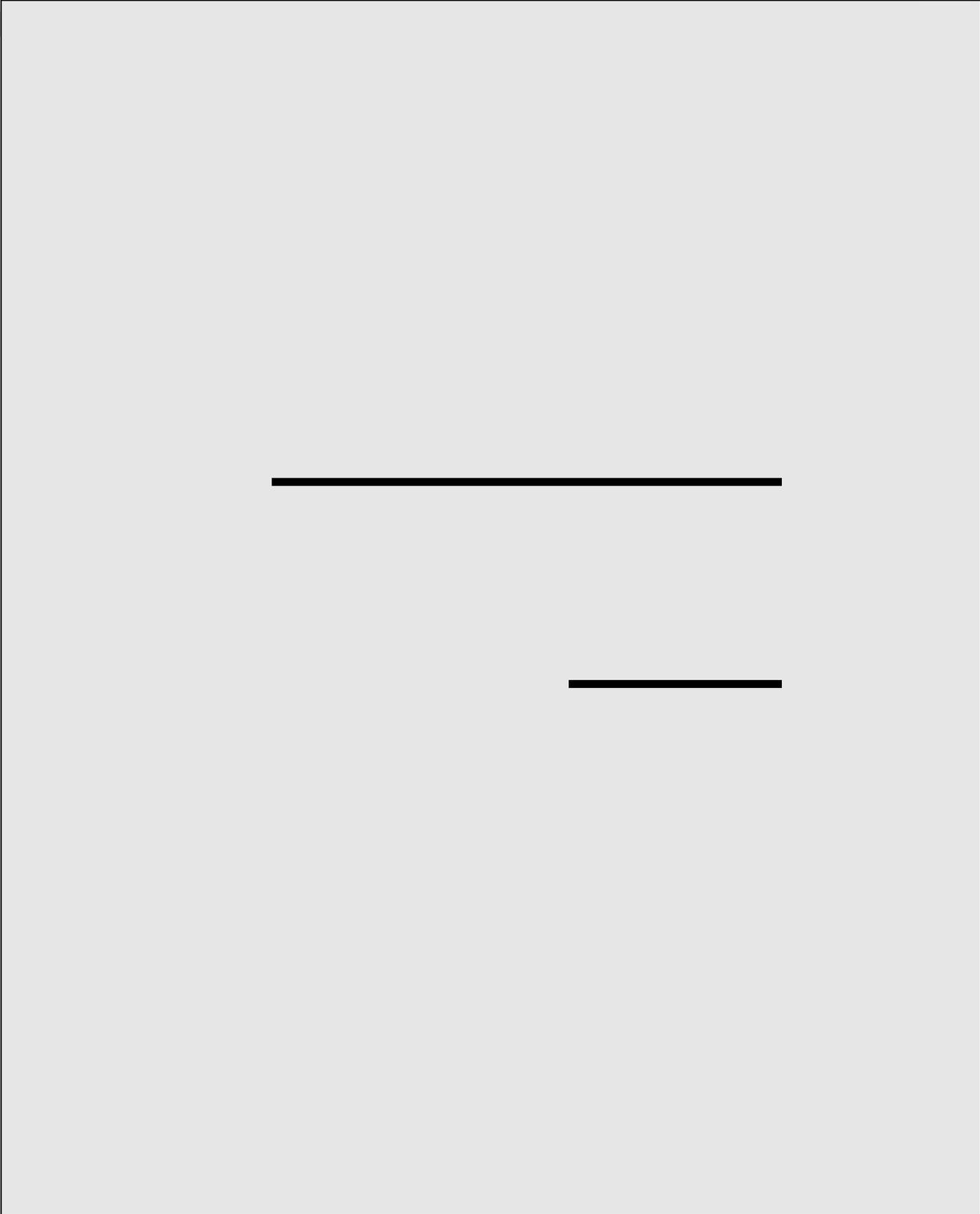
O Congresso também será virtual, pois já em outubro ele estará instalado na internet, com endereço próprio, possibilitando, gratuitamente, inúmeras informações e interações com profissionais e estudantes. A página, que permanecerá em funcionamento até o final de dezembro, terá as primeiras teses do Congresso – feitas pelos Sindicatos –, as quais já estarão em discussão por todos os inscritos em salas (*chats*) próprias, seguindo as três linhas sobre Formação já citadas. Também terá salas (*chats*) de debate específicas, onde alguns dos melhores jornalistas do país estarão conversando com um pequeno número de inscritos sobre estes e outros temas.

Entre os dias 26 e 28 de novembro a virtualidade também estará presente. As conferências e os debates, bem como a plenária final, serão transmitidas em videoconferência, o que significa que quem estiver num dos quatro pontos do estado em que serão preparados auditórios – Guarapuava, Curitiba, Londrina e Cascavel – falará e será visto pelas outras três e vice-versa. Será como estar num grande auditório, que esperam os organizadores, esteja totalmente ocupado nas quatro cidades, pois o objetivo de ampliar o Congresso é justamente democratizá-lo ao máximo.

## ATENÇÃO

Para saber mais do Congresso, a partir de outubro: [www.sindijorpr.org.br](http://www.sindijorpr.org.br)

Em breve estarão circulando cartazes e folders com todos os detalhes sobre o Congresso. Aguarde.





**A** tentados em conflitos étnicos e políticos foram as principais causas de jornalistas mortos até o momento em 99. Os episódios mais sangrentos foram a tomada por rebeldes da cidade de Freetown, em Serra Leoa, em fevereiro, e a Guerra em Kosovo. Jornalistas também morreram por conflitos tribais na Nigéria e por denunciar corrupção na América Latina.

Em Serra Leoa foram mortos 9 jornalistas, sete deles entre os dias 8 e 15 de janeiro, que corresponde ao período em que os rebeldes da Frente Unida Revolucionária ocuparam a capital Freetown. James Ogogo, Jenner "J.C." Cole, Mabay Kamara, Mohammed Kamara, Munir Taray, Myles Tierney e Paul Mansaray foram assassinados por membros da Frente, com requintes de crueldade. Mansaray, editor do *Standard Times*, morreu carbonizado em sua casa, com a mulher, dois filhos e sobrinho, após o cerco da residência pelos rebeldes. Em fevereiro, quando da ocupação de Freetown por soldados da ECOMOG-Força pela Manutenção da Paz do Oeste Africano-, foi assassinado Abdulai Jumai Jalloh. Ele era acusado a pertencer à Frente Unida Revolucionária. Outro jornalista simpatizante dos rebeldes, Condar Roy, morreu em 30 de abril, em decorrência de tuberculose contraída na prisão.

Na África aconteceram ainda mortes na Nigéria, durante conflitos étnicos. Fidelis Ikwuebe foi seqüestrado e morto em 18 de abril, em meio a violentas lutas entre as comunidades Aguleri e Umuleri. Em 27 de maio, San Nimfa-Jan foi morto

# Guerras e conflitos étnicos matam jornalistas em 1999



durante lutas entre os grupos Hausaq Fulani e o Zangon-Kataf.

**Iugoslávia**  
Um país especialmente perigoso para jornalistas em 1999 foi a Iugoslávia, em razão da guerra em Kosovo, no qual morreram seis jornalistas. Em 11 de abril, foi assassinado em Belgrado Slavko Curuvija, que era proprietário do jornal *Dnevni Telegraph* e da revista *Evropljanin*. Curuvija foi morto por assassinos profissionais em sua casa, após ter cumprido cinco meses de cadeia por "divulgar falsa informação". Seus problemas

começaram quando ele publicou uma história sobre o assassinato de um médico de Belgrado, envolvendo o deputado sérvio e primeiro-ministro Milovan Bojic. O jornalista também fora acusado pela televisão estatal iugoslava de apoiar os ataques da Otan ao país.

Um dos ataques da Otan a Belgrado resultou na morte de três jornalistas chineses: Shao Yunhuan, Xu Xinghu e Zhu Ying. Eles estavam na Embaixada da China em 8 de maio, quando o prédio foi atingido. Na Guerra em Kosovo também foram registradas as mortes de dois correspondentes da revista alemã

Stern. Volker Kraemer e Gabriel Gruener foram mortos por franco-atiradores sérvios em 13 de junho, numa estrada perto de Pristina. O intérprete dos jornalistas, Senol Alit, também foi morto.

Líbano, Argentina, Inglaterra e Colômbia

O conflito histórico entre palestinos e israelenses foi o motivo da morte do jornalista Ilan Roeh, da Rádio Israel, em 28 de fevereiro. Roeh viajava com militares israelenses pelo Sul do Líbano, quando o carro em que estava foi atingido por uma bomba. A milícia Hezbollah assumiu a responsabilidade pelo ataque.

Na Argentina, Ricardo Gangeme, diretor do jornal *El Informador Chubutense*, da província de Chubut, foi assassinado em sua casa, em 13 de maio. Uma semana antes de morrer, Gangeme havia denunciado à polícia que sofrera ameaças depois de denunciar um próspero industrial da província.

Na Inglaterra, a jornalista Jill Dando foi assassinada em abril com um tiro na cabeça, diante da sua casa, em Londres. Uma das profissionais mais populares e bem pagas da TV inglesa, Jill apresentava o programa *Crimewatch UK*, da BBC, que reconstituía crimes não resolvidos e pedia a colaboração dos telespectadores que tinham informações sobre os criminosos. Suspeita-se que o assassino da jornalista do Linha Direta inglês seja um admirador desequilibrado.

Na Colômbia, pistoleiros a mando de grupos paramilitares da extrema direita assassinaram o humorista, advogado e jornalista Jaime Garzón, em 13 de agosto. O jornalista era amigo do presidente Andrés Pastrana e vinha intermediando as negociações de paz entre o governo e a guerrilha do Exército de Libertação Nacional. Garzón foi o 178º jornalista assassinado na Colômbia nos últimos 22 anos.



# FHC veta projeto da Fenaj

O presidente Fernando Henrique Cardoso vetou o projeto-de-lei 307/95, de autoria do senador Carlos Bezerra (PMDB/MT), que exigia o registro prévio na Fenaj - Federação Nacional dos Jornalistas, através dos sindicatos de jornalistas. Para vetar o projeto, FHC acatou parecer da assessoria jurídica do Ministério do Trabalho e Emprego, endossado pelo ministro Francisco Dornelles.

O parecer possui equívocos. Afirma, por exemplo, que a Fenaj com o projeto passaria a ter poder de polícia, o que é atribuição do poder executivo. O curioso é que o projeto, após passar pelo Senado em meados de junho



passado, foi entregue em mãos pelos diretores da Fenaj ao ministro Dornelles, que se comprometeu a aprová-lo.

O projeto foi analisado pelas assessorias jurídicas

do Congresso Nacional e teve parecer favorável do Ministério do Trabalho na sua tramitação. Foi submetido, ainda, duas vezes a análise do Senado. Ao vetá-lo, FHC desrespeitou

o trabalho dos parlamentares das duas casas e ignorou os esforços da Fenaj, em defesa da formação profissional e do exercício ético do Jornalismo.

## Mobilização

Indignados com o veto, diretores da Fenaj foram a luta para reverter a decisão de FHC. As jornalistas Beth Costa, presidente da entidade, e Regina Deliberai, presidente do Sindicato do Mato Grosso, estiveram em contato com o senador Carlos Bezerra, que comprometeu-se a discutir o assunto com o

vice-presidente, Marco Maciel. A entidade manteve ainda mobilizada sua Executiva para novas discussões sobre o encaminhamento do projeto.

A decisão de FHC provocou também reações dos jornalistas latino-americanos que estavam reunidos em 27 de julho na Costa Rica, por ocasião de um seminário promovido pela Federação Internacional dos Jornalistas. Eles ressaltaram que o veto se contrapôs "a uma decisão democrática do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, que depois de cinco anos de análises aprovaram por unanimidade de votos e o direito de auto-organização dos jornalistas".



própria iniciativa

# O biógrafo de Allan Poe

Foi uma coincidência. A aposentadoria como jornalista veio em novembro do ano passado, mesmo mês do lançamento do livro "Edgard Allan Poe - Nunca Estive Realmente Louco", parte da coleção "Pequenas biografias insólitas", da editora Letras Contemporâneas. Desde então, Ivan Schmidt divide seu tempo entre a família, algum trabalho como *freelance* e a atividade de escritor. Seu quarto livro deve sair este ano, tendo como tema o conflito do Contestado.

Radicado em Curitiba desde os anos 70, tendo trabalhado em diversos jornais e assessorias de órgãos de governo, Schmidt não é propriamente um iniciante na literatura. Havia escrito os livros "Ilusão das drogas", um ensaio sobre toxicomania, e a "José Amador dos Reis, pastor e pioneiro", uma biografia de um pregador adventista, antes de se deparar com a



Marco Damásio

Ivan Schmidt: primeira biografia de Edgar Allan Poe no Brasil

biografia de Poe. Realizou assim um projeto imaginado há dez anos: escrever sobre o escritor, cujas obras foram uma "paixão à primeira leitura", desde que chegou às suas mãos "Crimes da Rua Morgue e outras histórias", no início dos anos 60. Sem saber, Schmidt fez a

primeira biografia do escritor norte-americano no Brasil.

O jornalista considera o livro um trabalho de reportagem. O modelo foi a obra "Israfel, vida e época de Edgard Allan Poe", escrito em 1926 por Harvey Allen e traduzido no Brasil em 1945. "A biografia está bem

próxima da realidade", diz Ivan Schmidt, que preferiu enfatizar os aspectos trágicos da vida do escritor. "O mais importante de sua vida é o fato de Poe ter sido sempre ignorado. Ele era invisível ao ambiente literário de sua época e ficou mais ou menos célebre com a publicação de

O Corvo. Provavelmente foi, também, o primeiro que não deu muita importância ao personagem, mas desvendou seu interior".

Escrito de forma sucinta, a pedido da editora, Ivan Schmidt diz que estará recompensado se o livro levar novos leitores a se aprofundarem na obra de Poe. "Corram às livrarias, devastem as bibliotecas, garimpem nos sebos e nas estantes de seus pais e avós: sempre haverá um Poe em algum recanto esquecido", escreveu no prefácio do livro. Curiosamente, neste prefácio, o jornalista utiliza a palavra-chave quando se fala em Poe: "esquecimento". O próximo dia 7 de outubro marca os 150 anos da morte do escritor. Até o momento, no Brasil, jornais e editoras não se movimentaram para homenagear este que é considerado um dos mais importantes escritores da humanidade e o precursor do romance policial.

## Jornalista apresenta imagens do Brasil

"Mídia e Eleições", foi o tema do IV Congresso Internacional de Mídia Russa, que aconteceu na Universidade de São Petersburgo, entre 28 de junho e 9 de julho. Pela primeira vez, o Congresso teve uma presença brasileira, a jornalista Regina Célia Bostolim Correia. Ela fez uma palestra sobre os jornais brasileiros e realizou a exposição "Imagens do Brasil".

Na sua palestra, Regina fez um resumo da história da imprensa no Brasil, desde

seu marco zero: o jornal Correio Braziliense, editado em Londres, em 1808. "É uma história de repressão", disse Regina. Ela admitiu ter provocado espanto nos jornalistas russos o relato dos crimes ligados à liberdade de imprensa, ocorridos nos últimos em estados do Norte e Nordeste. "Os jornalistas siberianos falaram que têm dificuldades com políticos, mas que lá são raras as mortes ligadas à liberdade de imprensa", afirmou.

Regina mostrou ainda os jornais brasileiros que levou na viagem, como a Folha de São

Paulo, a Gazeta do Povo, a Revista Isto É e o jornal do Sindicato, o Extra Pauta. "Eles ficaram impressionados com o jornal que o Sindicato tem e a qualidade do texto e diagramação", lembrou a jornalista, que na palestra contou com a ajuda de uma intérprete na leitura das matérias. O que surpreendeu aos jornalistas russos - cujo país passa por sérias dificuldades financeiras -, foi a utilização da cor mesmo em jornais de abrangência regional e do formato *standard*. Atualmente, na terra do *standard* Pravda, a maioria dos jornais é tablóides.

Arquivo pessoal



Regina: mostrando o jornalismo do Brasil aos russos



# 30 anos escrevendo sobre Turismo

30 meses de agosto foi especial para Rosy de Sá Cardoso. No dia 3 ela reuniu amigos para comemorar seus 30 anos de jornalismo em turismo. Foi depois recebendo uma homenagem aqui, outra ali, cumprimentos na rua, uma placa comemorativa do governo. “Estou ficando importante”, diz a jornalista, sorrindo. No final do mês, ela deixou por vontade própria de ser editora de Turismo da Gazeta do Povo, cargo agora ocupado pela amiga Marian Guimarães, para continuar no jornal escrevendo e catalogando textos e imagens de cidades e roteiros turísticos do mundo.

Rosy é uma pioneira. Foi a primeira jornalista a obter registro profissional no Ministério do Trabalho, a primeira a sindicalizar-se e a primeira especializada em turismo no Paraná. O jornalismo, contudo, surgiu por acaso. Rosy era cantora profissional- seu primeiro registro na carteira é como cantora- e trabalhava na Rádio Guairacá, cantando um repertório de tangos, boleros e música francesa, como *crooner* de orquestra. Foi quando a voz começou a falhar. “Eu era muito falante e comecei a perder a voz. Alguém na rádio propôs, então,



Rosy de Sá Cardoso: 30 anos escrevendo e editando sobre Turismo.

que eu escrevesse um programa feminino”, recorda. Do programa para o Jornalismo foi um salto. Em 8 de julho de 1948 tinha seu primeiro texto publicado em O Dia, data em que considera o início da sua carreira como jornalista.

Nos seus primeiros anos de jornalismo ela comparecia à redação só para entregar matérias. Trabalhava em casa, onde redigia sua coluna social. “Que outro lugar tinha para mulher?”, pergunta. Ela ia muito a festas e nas colunas fazia comentários até sobre peças teatrais. Por não freqüentar a redação, Rosy pôde levar ao mesmo tempo as atividades de jornalista e funcionária da Prefeitura de Curitiba, onde se aposentou no

final dos anos 60, como oficial de gabinete.

Demissão após Congresso

Rosy de Sá Cardoso colaborou com O Dia não mais que três anos. Foi demitida em 1951, quando retornava de um congresso de jornalistas no Recife. Segundo João Dedeus Freitas Neto, presidente do Sindicato naquela época e demitido do jornal junto com Rosy, eles souberam da demissão através de uma nota no jornal, lida durante o voo de retorno a Curitiba. Rosy recorda que protestou de forma jornalística. Escreveu um texto em protesto e o fez publicado no Diário da Tarde. O início do texto, nunca esqueceu: “Como vassoura nova varre bem...”.

Rosy nunca ficou muito

tempo sem escrever em jornal. Em 17 de julho de 51, sua coluna sairia no primeiro número de O Estado do Paraná, onde permaneceria até 59. Nos anos 60, ela trabalharia esporadicamente em revista e na televisão- por três meses apresentou um programa de entrevistas na TV Paraná. Também passaria a escrever no Diário do Paraná, onde em 69 fez sua primeira página sobre turismo e permaneceria até 31 de dezembro de 76. Pediu demissão e, imediatamente, foi contratada pela Gazeta do Povo, que estava interessada em ter um caderno de turismo. A primeira página na Gazeta foi publicada em 2 de janeiro de 77.

Hábito de família

Foi o hábito familiar de sempre viajar que fez Rosy especializar-se em turismo. Em 59, quando retornou da sua primeira viagem pelos Estados Unidos, reservou espaço no jornal para comentar a viagem. Essas matérias levaram a direção do Diário do Paraná a abrir uma página sobre turismo. Trinta anos depois, Rosy esteve em todos os continentes e conta nos dedos os países que não conhece. Na América do Sul, falta-lhe Equador e as Guianas. Na Europa, os pequenos: Andorra, Liechens-teim, San Marino. “Eu tenho um mapa mundi em casa,

onde coloco um alfinete nos lugares onde fui. O ponto mais baixo é a Antártica. O mais alto é Barrow, que fica ao norte do Alasca”. Outro fato curioso desses 30 anos é a organização da jornalista. Rosy possui todas as páginas e cadernos que escreveu sobre turismo catalogados, desde 3 de agosto de 69.

Para o próximo ano, a jornalista quer agendar uma viagem à Austrália, a terceira em sua vida para aquele país. “Não é pelas olimpíadas”, afirma Rosy, que como especialista em turismo costuma ficar distante dos grandes eventos. Ela quer ver se ocorreram mudanças nas cidades que conhece e falar sobre os hotéis, o povo do país. “Não tenho intenção de parar. Na minha casa são três irmãos, todos com mais de 70 anos e solteiros. Vou fazer o quê em casa?”

Usar adjetivos é essencial

Rosy de Sá Cardoso considera que “o jornalismo especializado em Turismo é um estímulo às pessoas viajarem”. De quando em quando recebe telefonemas na redação, de pessoas perguntando sobre roteiros de viagem. O segredo, para ela, além de viajar bastante é a linguagem, que no cadernos de Turismo deve vir com adjetivos. “No Jornalismo temos que ter um texto enxuto, sem adjetivos. O adjetivo é o supérfluo, mas em Turismo é o pingão no “i”. O jornalista tem que dizer se o hotel é confortável, se a paisagem é linda, se o povo é confiável. O adjetivo não só dura a pílula, mas dá ao leitor aquele gostinho de querer provar a viagem”, explica Rosy.

Volta Avança Para Atualizar Página inicial Localizar Favoritos Imprimir Fonte Correio Editar

Endereço [www.guiaparana.com.br](http://www.guiaparana.com.br)

No [www.guiaparana.com.br](http://www.guiaparana.com.br) você fica sabendo de tudo o que acontece no Paraná e tem espaço garantido para publicar sua notícia. Basta cadastrar-se no endereço <http://www.guiaparana.com.br/noticias/publicar> para ver seus textos publicados (e enviados para quem você quiser), gratuitamente. Aqui você encontra também um catálogo com os sites do Paraná na web. Para receber mais informações, envie um e-mail para [editor@guiaparana.com.br](mailto:editor@guiaparana.com.br) ou ligue para 41 352-9631/971-3506.

**www.guiaparana.com.br**  
O endereço da informação do Paraná na Internet.



# Karl Marx e a liberdade de imprensa

Ciméa Bevilaqua

Nos dias de hoje, qualquer referência a Karl Marx provoca narizes torcidos e expressões de desdém. O baú do velho mestre, porém, ainda guarda muitas surpresas. É o caso da atividade de Marx como jornalista, nascida tanto da ação política quanto das necessidades de sobrevivência. Ao longo de mais de quarenta anos, Marx publicou centenas de artigos em jornais e revistas, a maioria ainda à espera de um trabalho de compilação.

Uma coletânea recém-lançada pela editora L&PM em formato de bolso dá uma amostra dessa produção copiosa, reunindo reflexões sobre um tema que resiste às acusações de anacronismo: a liberdade de imprensa. Num momento em que se discutem limites para a programação da televisão e para as estratégias adotadas pela imprensa na cobertura da política e da vida privada, seus argumentos ganham um indiscutível sabor

de atualidade.

A antologia apresenta três momentos da produção jornalística de Karl Marx. Os dois primeiros artigos foram escritos para a Gazeta Renana em 1842. O estilo é irônico e rebuscado, talvez mais próximo de um advogado que de um chefe de redação em plena luta contra a censura prussiana. Dois artigos sobre a Guerra Civil Americana, escritos aproximadamente quarenta anos mais tarde, revelam as mudanças no estilo do autor: a quantidade de informações utilizadas é bem maior, assim como o esforço para apresentar uma análise rigorosa dos fatos.

Um terceiro grupo de artigos, aproximadamente da mesma época, mostra a cobertura de um acontecimento específico: o Caso Trent, incidente diplomático entre os Estados Unidos e a Inglaterra, surgido de uma ação militar norte-americana no canal das Bahamas. Destaca-se aqui o cuidado jornalístico de abordar o caso de todos os ângulos possí-

veis. Paralelamente, Marx fala sobre a imprensa da época, suas motivações e seus compromissos.

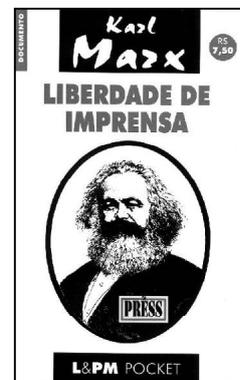
A liberdade e a lei

De acordo com Marx, é falso o argumento segundo o qual a restrição da liberdade é um mal menor, diante das injúrias e dos abusos cometidos pela imprensa. Suas deficiências são as da própria sociedade, e não se pode criticá-la por isso. Da mesma forma, a liberdade de imprensa não causa a instabilidade das instituições ou do governo, assim como o telescópio do astrônomo não causa o movimento perpétuo do sistema planetário.

Marx também considera um equívoco tentar estabelecer uma fronteira entre a boa e a má imprensa, o raciocínio mais frequentemente utilizado para defender a imposição da censura: ela atingiria apenas a má imprensa. Transformar a imprensa ruim numa refutação da imprensa livre,

diz Marx, é afirmar que a imprensa livre é ruim, e que a censurada é boa. A verdadeira questão não é avaliar a qualidade dos produtos, mas não perder de vista que a essência da imprensa é a liberdade. Assim, uma imprensa censurada é ruim mesmo se produzir bons produtos, e uma imprensa livre é boa mesmo quando produz frutos ruins.

Dito de outro modo, não se trata de distinguir a imprensa boa e a imprensa má, mas de distinguir uma lei de imprensa e uma lei da censura. De acordo com Marx, a lei da imprensa pune o abuso da liberdade; a lei da censura, em contrapartida, pune a liberdade como se fosse um abuso. Nesse sentido, uma lei sobre a imprensa não é necessariamente uma medida repressiva contra a sua liberdade. Ao contrário, a ausência de uma legislação sobre a imprensa é que é problemática, porque significa a exclusão da liberdade de imprensa da esfera da liberdade legal.



É preciso que a norma exista para que se possa supor que ela foi violada e para que a punição seja legítima. Nesse sentido, diz Marx, a lei de imprensa é o exato oposto da censura, que opera ao sabor das conveniências do censor.

*Liberdade de Imprensa - coletânea de textos de Karl Marx.*  
Porto Alegre, Editora L&PM, 220 páginas.

## Liberdade e ética na globalização

Ninguém duvida que o difícil equilíbrio entre liberdade e ética nos meios de comunicação tem hoje uma complexidade inédita: a globalização do mercado leva à formação de imensos impérios multimídia, novas tecnologias permitem a circulação de imagens e textos em tempo real, e a competição acirrada não vê limites para o conteúdo do que é veiculado. Não por acaso, crescem os

clamores por algum tipo de restrição à imprensa e, em especial, à televisão.

Como não se trata de uma problemática local, é sempre útil saber como essas questões têm sido enfrentadas em outros países. É este o tema do jornalista francês Alain Woodrow (ex-Le Monde) no livro *Os Meios de Comunicação - Quarto Poder ou Quinta Coluna?*, sua segunda obra teórica sobre a

comunicação social.

A partir de casos concretos, o autor analisa o impacto das novas tecnologias e as novas relações entre os meios de comunicação e o mundo da política e dos negócios. O saldo é negativo para a imprensa, mas Woodrow recusa a idéia de um "quinto poder", uma instância reguladora externa imposta pelo Estado. Ao contrário, aposta na recuperação dos

antigos princípios de autorregulação da imprensa e uma aproximação consistente com associações de espectadores.

Entre outras sugestões específicas, propõe a inclusão de cursos sobre os meios de comunicação no currículo da escola básica, a fim de desenvolver o senso crítico do público desde a infância. No final, o livro reúne códigos de ética de jorna-

listas e de associações de empresas de comunicação da França, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

*Os Meios de Comunicação - Quarto Poder ou Quinta Coluna?, de Alain Woodrow.*  
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 282 páginas.

Ciméa Bevilaqua é jornalista e professora de antropologia na UFPR



LIVRARIA DO CHAIN - EDITORA

Fone: (0..41) 264-3484 - Fax: (0..41) 263-1693

Rua Gal. Carneiro, 415 - Curitiba - Pr - Cep 80060-150





# A imoralidade técnica

A Lei de Imprensa e a lei que regulamenta a profissão determinam que todos os veículos informativos tenham um jornalista responsável e que o nome deste apareça no Expediente. O intento da lei não é apenas profissionalizar os veículos, mas que eles não venham a cometer abusos editoriais, pois o jornalista responsável pode ser processado. Essa determinação, infelizmente, não tem inibido proprietários de publicações em burlar a lei e contratar jornalistas só para “assinar” um jornal ou revista.

Na sua edição de agosto de 97, o Extra Pauta alertava a categoria para os problemas que “assinar um jornal ou revista” pode gerar. Há jornalistas sendo processados por notícias que sequer chegaram a ler, por terem seu nome como

responsáveis pelo veículo no expediente. Há casos também de proprietários de veículos que se apropriaram do nome do jornalista sem a sua permissão e este veio a ser processado.

A responsabilidade técnica é prevista por lei e somente pode ser feita por profissionais com registro de jornalista. Os que possuem registro de fotógrafo e diagramador não podem ter seu nome como responsável técnico em qualquer publicação.

Em 97, como agora, o Sindicato dos Jornalistas vem recebendo consultas de muitos profissionais sobre o valor cobrado para “assinar” um jornal ou revista. A maioria desses profissionais é recém-formada, interessados em entrar no mercado de trabalho. Convém lembrá-los que não há preço determinado pela assinatura e que o simples

empréstimo do nome a um jornal é atitude imoral, com possíveis consequências danosas.

Não bastasse o problema legal que somente assinar pode provocar, há também os técnicos. Jornais sem jornalistas primam pela péssima qualidade de redação e diagramação. Pagando para jornalistas apenas assinarem uma publicação, só o proprietário sai ganhando, porque pode economizar dinheiro com pessoal.

A propósito, recentemente, o Sindicato recebeu uma consulta do proprietário de um pequeno jornal em Pinhais. Ele queria saber se mudando o nome do veículo poderia se isentar do pagamento de 120 reais para que o “seu” jornalista assinasse a publicação. Ele perguntou: “E se o meu jornal se chamar Gazeta, Tribuna...?”.



## renovação

### Delegacia de Foz do Iguaçu tem nova diretoria

A Delegacia do Sindicato dos Jornalistas de Foz do Iguaçu está com uma nova diretoria desde o último dia 9 de agosto, data em que a única chapa inscrita foi homologada por unanimidade pelos profissionais que compareceram à assembléia, realizada no Hotel Rafagnin Centro.

A nova diretoria é formada por Alexandre Palmar, no cargo de coordenador; Christian Rizzi, delegado, e Patrícia Taufer, tesoureira. Eles assumiram após os representantes sindicais abrirem mão de seus cargos, devido a questões pessoais.

Ao assumir a delegacia, o coordenador frisou a intenção de trabalhar pelos interesses da categoria no

município. “Uma das primeiras ações da delegacia será fiscalizar os veículos de comunicação, visando regularizar a situação dos profissionais que estão em desacordo com a legislação”, assegurou Palmar.

A promoção de palestras, debates e outros eventos que levem ao aprimoramento profissional também é uma das metas do sindicato em Foz. Na ausência de um curso de jornalismo na Região Oeste do Estado, a delegacia assumiria a responsabilidade de promover discussões acerca de temas relacionados à área e ao interesse geral.

Valorização profissional

O delegado salienta que a proposta de reativar a delegacia surgiu dos apelos de membros da classe, que ao precisarem do apoio ao sindicato tinham de buscá-lo em Curitiba.

“A retomada do sindicato não é para coibir a atuação de nossos colegas, e sim para valorizar a profissão do jornalista, que em Foz do Iguaçu ainda não possui o respeito merecido”, comenta.

Quanto às irregularidades encontradas na imprensa da cidade, os integrantes da delegacia já reuniram 30 publicações sem jornalista responsável. Entre as “aberrações” da imprensa iguaçuense está um jornal bimensal que fechou cinco

de suas dezesseis páginas, em uma de suas edições, com a reprodução integral de matérias e colunas veiculadas em outros periódicos.

Patrícia lembra que um meio de comunicação não se constitui apenas com idéias, sendo necessária uma infraestrutura adequada e principalmente profissionais habilitados e com princípios éticos.

A questão da ética deve ser uma das primeiras discussões a movimentarem a programação de atividades. Ao ser reativada, a delegacia instituiu um conselho de ética composto por cinco jornalistas, que deverá colaborar com as iniciativas dos membros da diretoria.

### NÚCLEO DE ASSESSORES

O Núcleo de Assesores de Imprensa do Sindicato dos Jornalistas volta a se reunir no próximo dia 1º de outubro, às 19h30min. O professor de comunicação Itanel Quadros, que recém concluiu doutorado na Espanha, fará palestra sobre “Marketing Político” e suas experiências no Brasil e na Europa.

Mais informações podem ser obtidas no próprio Sindicato, pelo fone 224-9296. Favor confirmar presença até dia 30 de setembro.



# Repórteres criam a Arfoc-Brasil

Chega de confusão de siglas. Os repórteres fotográficos e cinematográficos do país fundaram a ARFOC Brasil para definir a Associação Brasileira, reservando à sigla Enarfoc- outrora utilizada para designar a Executiva- somente para os encontros nacionais da categoria. A nova entidade foi criada em junho, no Rio de Janeiro, mas teve sua aprovação durante o XVI Enarfoc- Encontro Nacional dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos-, realizado de 19 a 22 de agosto em Natal, Rio Grande do Norte. No mesmo Encontro, os jornalistas de imagem debateram sobre ética e direito autoral.

Os repórteres cinematográficos reunidos no XVI Enarfoc repudiaram a função vídeo-jornalista, hoje presente mesmo em emissoras de TV públicas-, por entenderem que acarreta desemprego à categoria. No que se refere a direito autoral, o Encontro serviu para que os jornalistas mais uma vez enfatizassem que mesmo as fotografias de arquivo e as produzidas por



O Extra Pauta na exposição do XVI Enarfoc

agências e assessorias devem ser publicadas com crédito, conforme determina a legislação. Os repórteres fotográficos também rejeitaram os argumentos de que o crédito polui as imagens.

Outro ponto de convergência entre ARFOC Brasil e Fenaj refere-se a manipulação da imagem. As entidades condenaram este artifício, destacando que cabem aos

editores responsáveis pela manipulação punições previstas no código de ética. Quanto aos veículos, estes devem informar aos leitores se a imagem é digital ou foi manipulada. Para tanto, devem junto ao crédito de autoria publicar a sigla FD, para foto digital, ou FM, para foto manipulada.

Data comemorativa

A ARFOC Brasil definiu uma data para comemorar o Dia do Repórter Cinematográfico no País. Por unanimidade, durante o XVI Enarfoc, foi escolhido o 20 de julho, em homenagem ao jornalista inglês Bill Stuart, morto neste mesmo dia, em 1979, nas ruas de Manágua. Sua morte, por soldados do exército nicaraguense, foi uma das imagens marcantes da

Guerra naquele país, no final da década 70.

## Extra Pauta

Na exposição de fotografias de profissionais paranaenses, durante o XVI Enarfoc, houve um espaço para o jornal Extra Pauta. Foi mostrada a série de matérias que abordaram os problemas de saúde de repórteres fotográficos e cinematográficos ao carregarem seus equipamentos, publicadas nas duas últimas edições do jornal. Para Irani Carlos Magno, presidente da ARFOC Paraná e que organizou a exposição, as matérias foram importantes para que os repórteres se conscientizassem dos problemas que enfrentam todos os dias, em função do exercício do profissional.

## rádio corredor

Edison Jansen ganhou uma página da edição histórica da revista Realidade, que circulou em agosto. Sua fotografia mais importante, que traz o então estudante José Ferreira Lopes- o doutor Zequinha- enfrentando com um estilingue um policial a cavalo, foi escolhida como a imagem mais representativa da revista sobre os anos de chumbo. A foto rendeu a Edison o Prêmio Esso de Fotografia, em 68.

\*\*

Mudanças na redação do Jornal do Estado. Aroldo Murá é o novo diretor de

redação, Szyja Ber Lorber o diretor-adjunto e Joseane Ritz a secretária de redação. Deixaram o JE Flávio Costa e Adriana Ferronato.

\*\*

Luiz Gonzaga de Mattos resolveu matar a saudade dos quase dez anos em que escreveu "Entrelinhas", na Gazeta do Povo. Abriu uma coluna semelhante na internet, a qual tem atualizado diariamente. O endereço é gonzaga.mps.com.br.

\*\*

Na Folha do Paraná houve mudanças internas. Luiz Cláudio Oliveira assumiu a

editoria de Cidades, enquanto que Ed Carlos Rocha a coordenação de Esportes.

\*\*

Cynthia Schneider abriu a Comunicatta Press. A Agência nasce da unidade de assessoria de imprensa da Comunicatta Marketing, que vinha desde abril sendo dirigida por ela.

\*\*

Vinicius Sacchi está vivendo à beira-mar. Trocou Curitiba por Praia Grande, município de Murai, na Bahia, onde toca o "Bar e Restaurante do Didi".

\*\*

Cláudia Bardal e Soévia

Pires abriram uma casa de sopas. Miss Sô e Miss Sun fica na Rua Trajano reis, 335, e abre às noites, de segunda a sábado.

\*\*

"Xavantes" é a exposição que Joseane Daher faz no Shopping Novo Batel, de 10 a 19 de setembro. Mostra as fotografias que fez em 1992, quando esteve na aldeia de Erenhitpa ( Pimentel Barbosa), no Mato Grosso.

\*\*

Mudanças na Gazeta: entrou Adriano Koehler. Deixaram o jornal Marco Assef, Alessandra

Perrinchelli e Adriano Loyola Brocher.

\*\*

O repórter Urutides Borges também deixou a Gazeta. Aposentado, vai agora viver longe da correria e das pautas diárias.

\*\*

Falecimentos  
Remi Antonio Baldasso faleceu em 19 de agosto, em Porto Alegre. Presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, no período de 1983/86, Baldasso foi diretor e representante da Fenaj junto à Confederação dos Trabalhadores em Comunicação e Publicidade, na gestão de 1986/1989.



# Charge: a síntese da notícia

**R**epórter e redator antes de ser chargista, cartunista e ilustrador, Antonio Carlos Nicolielo tem espaço entre os grandes nomes da charge brasileira. Trabalhou nos jornais Diário de São Paulo, Diário da Noite, Folha de São Paulo e Folha da Tarde e nas revistas Visão e Veja. Em 1988, trabalhou no *Cartoonists & Writers Syndicate*, de Nova Iorque. Nicolielo é autor de dois livros: "Aly Del Rei", de 75, e "Haja Saco", de 86, além da "Agenda de Humor", de 77 a 86. Atualmente é chargista da Veja. Nicolielo esteve recentemente em Curitiba, a convite da Secretaria de Estado da Cultura, onde realizou uma exposição e palestra na Biblioteca Pública do Paraná.

*Extra Pauta- A história da charge no Brasil iniciou com Gregório de Matos, o Boca do Inferno, que era um crítico ferrenho do império. Desde o início, a caricatura no País esteve mais ligada à política?*

Antonio Carlos Nicolielo- A charge desde a idade média sempre foi ligada à política. Ela sempre foi uma denúncia, uma arma contra os poderosos.

*EP- Você diz que se tornou chargista internacional graças ao golpe de 64. Como aconteceu isso?*

Nicolielo- Eu era dos Diários Associados e da revista Visão e não podia fazer nada sobre o noticiário nacional. Eu fazia charges, paralelamente, mas sabia que não saíam. Então, fui me especializando em política internacional. Um grande defeito do chargista brasileiro é não ir fundo no que faz. Se é um ilustrador econômico, tem que entender de economia, não só fazer uma gracinha a respeito.

*EP- Chargistas bons da década de 60 sumiram quando da abertura política. Qual razão desse mistério?*

Nicolielo- É fácil fazer humor contra. Com a abertura democrática a charge ficou mais no humor de análise do que de crítica. Muita gente que trabalhava na luta contra a

ditadura, caiu numa abertura e ficou pasmo, tinha que procurar assunto. Como jornalista, o chargista tem que ouvir o outro lado também. Eu sempre ouvi o outro lado. Quando comecei a fazer charges políticas para o *Syndicate* americano, ouvia a Voz de Moscou, a Voz da América, uma rádio da Alemanha e da Itália sobre o mesmo assunto. Cada um tinha uma opinião. Daí eu analisava e fazia uma charge a respeito.

*EP- A revista Bundas tem obtido sucesso, ela que tem o mesmo espírito do Pasquim. Para você há hoje um saudosismo do tipo da imprensa que era feita na década de 60?*

Nicolielo- Sim, até porque não apareceu mais ninguém depois desse povo. Depois da turma do Pasquim vieram eu, o Glauco, o Angeli, os irmãos Caruso. Nos últimos vinte anos apareceram só o Ique, o Renato Aroeira, o Mariano, mas são poucos que atuam na grande imprensa ou na alternativa. Eles pegaram uma coisa mais soft.

*EP- Isso não aconteceu por problema de espaço, já que os principais veículos contrataram chargistas conceituados?*

Nicolielo- Eu não acho que é questão de espaço. O editor

que publica vai pesar se o chargista tem uma visão das coisas. E essa abertura é conseguida por sua capacidade jornalística. Todo chargista é um jornalista em potencial. E por que a charge é colocada nos editoriais? Porque fala tudo ou mais o que está escrito ali, sintetiza. É nesse poder de síntese que está a qualidade de um bom chargista.

*EP- Você é conhecedor da caricatura feita no Paraná. Seus cartunistas e chargistas, no entanto, sempre tiveram dificuldades em ser reconhecidos no resto do País. Isso se deve a qualidade técnicas ou ao poder restrito da imprensa local?*

Nicolielo- É questão de tiragem. O Miran é um dos melhores chargistas brasileiros, o Dante é muito bom. Eu vejo alguns trabalhos bons aqui, sim. Eu, por exemplo, sou mais conhecido no exterior que no Brasil, pela pouca tiragem.

*EP- Diz-se que uma das páginas mais lidas de jornais ou revistas são as que possuem charges. Isso é mesmo verdade?*

Nicolielo- Eu vi uma pesquisa. O índice de leitura da Radar, da Veja, é 90%. Isso acontece porque o humor faz rir no meio de um monte de

desgraças e, inclusive, quebra no sentido gráfico. Há um mês e meio fiz uma carta para o Ruy Mesquita e perguntei por que o Estado de São Paulo não tem chargistas. Ele não respondeu. Agora, vi que haverá concurso de chargistas para o Estadão. Não sei se fui o estopim dessa coisa, mas falei que é impossível um jornal do nível internacional do Estadão não ter chargistas.

*EP- Pintores famosos como Leonardo da Vinci e Goya foram caricaturistas. Ela é arte ou jornalismo, ou uma síntese das duas?*

Nicolielo- Eu acho que charge é arte. O chargista tem que ter a noção mínima de anatomia, de plástica, a noção de perspectiva, espaço, estética. Há o lado jornalístico que é pesquisa, análise. Eu, paralelamente à carreira de jornalista, expunha todo ano em São Paulo. O Bardi (Pietro Maria Bardi, fundador do MASP) me considerava um pintor. Então, a coisa se confunde. Há chargistas que têm uma plástica simples, traços rápidos como o Henfil. Outros são mais rebuscados, dão luz e sombra como o Paulo Caruso, o Chico Caruso e o Aroeira, e pintam também. Uma coisa se une a outra.

*EP- Vários caricaturistas abandonaram os pincéis e trabalham diretamente com o computador. Qual*

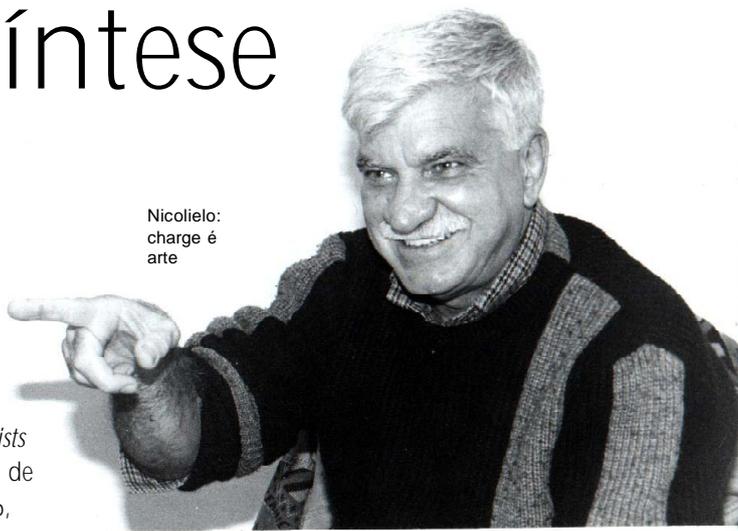
*sua opinião sobre isso?*

Nicolielo- O computador foi uma beleza para a gente. No meu caso, tendo uma tomada telefônica e uma elétrica posso trabalhar em qualquer lugar do mundo. O computador também reproduz perfeita-mente as cores, o que não é possível por fax. Agora, tem um problema: ele nunca vai conseguir fazer o traço de ninguém. Pode oferecer técnicas de luz e sombra, de pinturas. Mas, o meu traço não vai conseguir nunca, nem o de ninguém.

*EP- Liberdade de imprensa. Que imagens um cartunista poderia traçar sobre este tema?*

Nicolielo- Hoje temos liberdade de imprensa, mas não temos liberdade econômica. O chargista sabe que, tacitamente, não deve falar de certas coisas. Eu passei pela auto-censura, que é pior que a censura. A liberdade de imprensa está em cada um saber o que fazer ou não. A responsabilidade do chargista em relação à liberdade de imprensa é igual a de outro jornalista, não tem diferença.

Nicolielo: charge é arte



Henrico César Maravilhas



# Exercícios compensam problemas físicos adquiridos no trabalho

**M**udar de hábitos, fortalecer o corpo através de exercícios. Essas são as alternativas que restam aos repórteres cinematográficos e fotográficos para amenizar os problemas na coluna e dores no corpo, causados pelo peso dos equipamentos que têm de carregar diariamente.

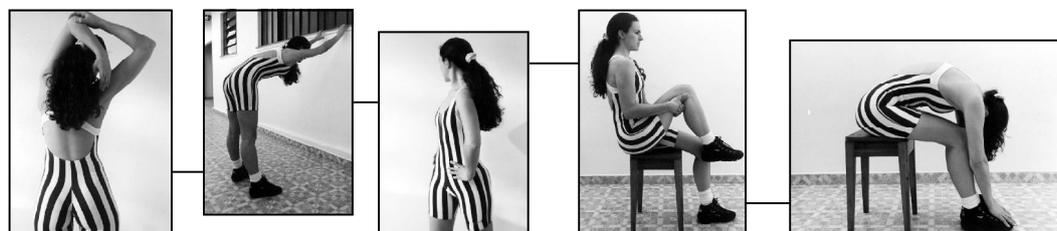
Para o psicoterapeuta Gilberto Gaertner, a melhor maneira de prevenção é compensar o desgaste físico adquirido ao longo do dia. Na TV Paranaense - Canal 12, ele coordena um programa de psicologia e fisioterapia, que há dois anos atende aos repórteres cinematográficos. Sua principal orientação é que os profissionais se submetam a duas baterias de exercícios diariamente, uma quando chegam e outra quando saem do trabalho. Embora não seja uma novidade para fisioterapeutas, os exercícios têm produzido resultados surpreendentes. Gaertner cita, como exemplo, o caso de Rubens Vandressen, o supervisor de Imagem da emissora. "Ele tinha dificuldades até para escrever. Como tem que fazer os exercícios com todos, houve em seu caso um ganho considerável".

Vandressen faz a seqüência de exercícios uma vez ao dia, geralmente pelas manhãs,

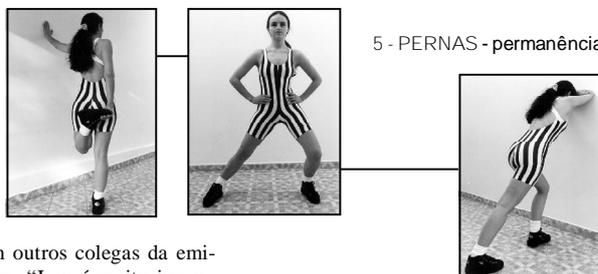
3 - OMBROS E BRAÇOS - permanência de 10 segundos / girar os ombros - 10 repetições



4 - TRONCO - permanência de 10 segundos



5 - PERNAS - permanência de 10 segundos



6 - FINALIZAÇÃO - girar pulsos / girar tornozelos / girar tronco - 10 repetições  
Vibração de braços e pernas

com outros colegas da emissora. "Isso é muito importante. O exercício para os olhos, por exemplo, é fantástico", diz. Vandressen considera essencial que os repórteres passem a incorporar os exercícios no seu dia-a-dia. "Eles são simples, podem ser

feitos em casa e demoram um pouco mais de 5 minutos".

Para que resultados apareçam, repórteres cinematográficos e fotográficos devem realizar os exercícios de acordo com a seqüência

apresentada e praticá-los todos os dias. Devem, ainda, fortalecer o organismo, o que é possível com a prática de um esporte. É o único jeito de não levar os problemas do trabalho para casa, viver melhor.

Fotos: Hugo Abati  
Modelo: Vivian Lazarotto



# Mais vantagens aos jornalistas

Há alguns anos o Sindicato dos Jornalistas vem ampliando suas parcerias com empresas prestadoras de serviços e clínicas médicas. Ao firmar esses convênios, a intenção da entidade é proporcionar vantagens aos jornalistas sindicalizados, além das tradicionalmente oferecidas como é a assessoria jurídica. Os convênios produziram, no entanto, um resultado inesperado. Com eles, praticamente dobrou a expedição de novas carteiras de identificação de jornalista pelo Sindicato, na medida que só a carteira atualizada possibilita descontos vantagens oferecidas.

Para as empresas o convênio com o Sindicato também tem obtido resultados positivos. “A procura tem sido muito boa. Posso dizer que em um ano e meio mais de 100 pessoas procuraram a clínica em todos os setores”, diz Wagner Weber, cirurgião-dentista e diretor da Good Life. A empresa presta serviços não previstos em planos de saúde, como Odontologia, Fonoaudiologia, Homeopatia, Psicologia e Nutrição, razão pela qual tem atraído clientes. “As pessoas têm carência deste tipo de convênio. Além do que o tratamento é bom e o preço acessível”, afirma Wagner. Com isso, a taxa de retorno dos clientes também é alta: entre 70 e 80%.

O convênio com o Sindicato foi o primeiro feito pela Good Life, que hoje possui contratos semelhantes com entidades de outras categorias. “O



A fisioterapeuta Fernanda Trautwein com “alunos” não jornalistas da Kine : Isabel Ferraz e Altivir Bornancim

jornalista é formador de opinião. Recebemos, por exemplo, um bom número de indicações depois que iniciamos o convênio”, diz. Ter sua empresa conveniada com o Sindicato, no entanto, possui um significado especial a Wagner Weber, que fez Jornalismo pela UFPR, mas não concluiu o curso. “O fato de eu quase ter sido jornalista me ajuda. Eu consigo transmitir melhor ao paciente o tipo de tratamento que vai ser feito. E no caso dos pacientes jornalistas, conversamos muito sobre os problemas da profissão”.

#### Ginástica e vídeo

No caso da Academia Kine, de Ginástica, Fisioterapia, Massoterapia e Nutrição, a relação familiar com um jornalista motivou à assinatura de um convênio com o Sindicato. A Academia pertence a fisioterapeuta Fernanda Trautwein e Carlos Fernando Mosquera, irmão de Jorge Mosquera, da Folha do Paraná. Funciona, também, pertinho do jornal, na Rua Mauá, nº 1133. “Para nós

tem sido bom o convênio. Hoje, muitos dos nossos alunos são jornalistas”, afirmou Fernanda. A procura maior é mesmo pela Ginástica.

Um dos convênios de maior sucesso entre jornalistas tem sido o da Blockbuster. A simples apresentação da carteira atualizada faz com que o jornalista retire duas fitas



Wagner Weber, da Good Life: feliz com o convênio

pelo preço de uma. Se devolver as fitas no dia seguinte, ganha ainda crédito de um real por fita. “Há muitos jornalistas que vem à loja. Alguns vêm três vezes por semana”, informa o gerente Luiz Borges, da Blockbuster da Lamenha Lins, 1898. Segundo ele, uma das características de pessoas conveniadas é aproveitar ao máximo as

vantagens que possuem, o que não tem sido diferente com os jornalistas. “Para a Blockbuster o convênio tem sido muito bom”, garante Luiz Borges. Quanto ao tipo dos filmes retirado por jornalistas, a escolha tem sido variada. “Há os que só retiram filmes europeus ou asiáticos, enquanto que outros mostram-se fãs mesmo de cinema comercial”, observa Borges.



## prêmios

A 44ª edição do Prêmio Esso de Jornalismo tem suas inscrições abertas até 30 de setembro. A novidade é o aumento dos valores a serem concedidos por categoria e a inclusão da categoria Interior, dirigida aos profissionais que tiveram seus trabalhos publicados em jornais e revistas editados fora das capitais e do Distrito Federal. O Esso premia trabalhos em 12 categorias: reportagem; fotografia; informação econômica; informação científica, tecnológica ou ecológica; criação gráfica- jornal; criação gráfica- revista, além de seis prêmios regionais. Além disso, há o Prêmio Esso de Jornalismo, concedido ao melhor trabalho, cujo vencedor receberá R\$ 20 mil. Mais informações podem ser obtidas com Guilherme Duncan, na Esso, pelo telefone (21)-277-2196.

\* \* \* \* \*

Em 1º de outubro encerra-se o prazo para inscrições ao Prêmio Abrelpe de Reportagem,

que é promovido pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais e patrocinado pela Volkswagen. O tema deste ano é "Lixo- da geração ao destino final: quem são os responsáveis?". Concorrem matérias sobre o tema, publicadas entre 1º de outubro de 98 e 30 de setembro de 99. O prêmio é um veículo Gol, zero quilômetro. Mais informações podem ser obtidas no *site* da Abrelpe [www.abrelpe.com.br](http://www.abrelpe.com.br) ou pelo fone (11)3021-2825.

\* \* \* \* \*

Estão abertas até 6 de outubro as inscrições para o VI Prêmio CNT de Jornalismo, da Confederação Nacional do Transporte, que distribuirá R\$ 35 mil em prêmios. Concorrem trabalhos jornalísticos sobre qualquer aspecto do setor de transporte, veiculado entre 7 de setembro de 1998 e 26 de setembro de 99. O prêmio possui quatro categorias: Mídia Impressa, Rádio,

Televisão e Fotografia. Mais informações podem ser obtidas na Assessoria de Comunicação da Confederação Nacional do Transporte, através dos fones (61) 315-7040, ou (61) 315-7011.

\* \* \* \* \*

As inscrições para a 3ª edição do Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo podem ser feitas até 5 de janeiro. O prêmio é concedido a autores de reportagens que divulguem ações que focalizem soluções efetivas à infância e juventude, veiculadas em 1999. Serão distribuídos R\$ 165 mil em prêmios, divididos em nove categorias: reportagens para jornal, revista, rádio e televisão, reportagem fotográfica, estudantes de comunicação, mídia jovem e destaque educação, em mídia impressa. Para se ter o formulário de inscrição e mais informações, o jornalista deve ligar para o Instituto Ayrton Senna, no telefone (11) 6950-0440, em São Paulo, ou através do *site* [www.ias.com.br](http://www.ias.com.br).

## serviço

### SALÁRIOS DE INGRESSO

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador, repórter fotográfico, repórter cinematográfico

973,23

Editor

1265,22

Pauteiro

1265,22

Editor chefe

1459,87

Chefe de setor

1459,87

Chefe de reportagem

1415,15

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações: Em julho o menor salário pago nas redações foi de R\$ 973,23.

Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas.

O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

### FREE LANCE

Redação

Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)

52,34

Mais de duas fontes:

50%

a mais

Edição por página

Tablóide

67,72

Standard

81,15

Diagramação por página

Tablóide

33,86

Standart

46,20

Revista

25,25

(\*) Tablita / Ofício / A4

17,23

Revisão

(\*) Lauda (1.440 caracteres)

13,66

(\*) Tablóide

28,51

(\*) Tablita

21,54

(\*) Standard

59,53

Ilustração

(\*) Cor

53,84

(\*) P&B

80,77

Reportagem fotográfica - ARFOC

Reportagem Editorial

Saída cor ou P&B até 3 horas

123,14

Saída cor ou P&B até 5 horas

230,87

Saída cor ou P&B até 8 horas

307,84

Adicional por foto solicitada

23,23

Foto de arquivo para uso editorial

184,70

Reportagem Comercial/Institucional

Saída cor ou P&B até 3 horas

244,92

Saída cor ou P&B até 5 horas

## convênios

### Good Life

Serviços de Odontologia, Medicina, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicologia e Massoterapia. Descontos e tabelas especiais, de acordo com sua necessidade. Endereços: R. Padre Agostinho, 2800, fone 335-4362 (Odonto e Fono); Av. Silva Jardim, 266, fone 233-2577 (Fisio); R. Padre Anchieta, 1826, 2º andar, conj. 212, fone 335-5954 (Medicina), e R. Princesa Isabel, 927, fone 233-3192 (Psico e Massoterapia).

Serviço Odontológico A Clínica Odontológica Ao Seu Alcance oferece serviços com até 30% de descontos na tabela do Conselho Regional de Odontologia. R. Voluntários da Pátria, 475/ Conj. 301A, Fone 232-0166. **Blockbuster** Promoção. A cada fita locada, o jornalista pode levar duas. Válida para quem se cadastrar na Blockbuster. Ao retirar as fitas, o jornalista deve, pessoalmente, mostrar a carteira de

identidade da Fenaj atualizada. **Estação Plaza Show** Entrada gratuita aos jornalistas. A promoção só não é válida aos cinemas, que cobrarão do jornalista preço integral do ingresso. **Metropolitan Sports** Desconto de 25% nas aulas de natação, hidroginástica, musculação, step, localizada e dança de salão. Rua Emiliano Perneta, 297 Piso L. **Academia Kine** Ginástica, Nutrição e

Fisioterapia. Desconto de 20%. R. Mauá, 706B, Alto da Glória. Fone: 253-3841. **Farmácia Dassete** Desconto de 10% no pagamento à vista, ou prazo de 30 dias com cheque pré-datado, sem desconto. Av. Sete de Setembro, 4655 e 4853, ou pelo Disque Remédio, fone 244-9911. **Aquática** Vários planos para natação, ginástica, musculação e hidroginástica. R. Antonio Grade, 563, fone 335-1310.

### Psicologia Infantil e Psiquiatria

O psiquiatra Vitorio Ciupka e as psicólogas infantis Suzane Ciupka e Denise Ciupka Yamagutt oferecem descontos especiais para jornalistas. Mais informações pelo telefone 336-7308. O fax da Clínica é 335-4652.

\* Para usufruir destes convênios, os associados devem apresentar a carteira de identidade de jornalista.



No currículo do repórter-fotográfico Everson Bressan estão passagens pelos jornais Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina, Jornal do Estado e Indústria & Comércio. O seu olhar, no entanto, revela-se integralmente à margem das pautas. Bressan gosta de fotos que sejam provocativas, que mexam com as pessoas. A série com crianças curitubanas de rua dormindo é um exemplo. A idéia surgiu para ele espontaneamente. De tanto ver as crianças, decidiu mostrá-las. "Eu fotografei as crianças como estavam na rua, nenhuma posou para mim", explica. "O meu trabalho, neste caso, é de repórter-fotográfico. Eu quero provocar as pessoas deixá-las pensando sobre o dia-a-dia, para que tomem alguma atitude". Essas fotos de Bressan certamente falam por si, são o retrato da desigualdade das grandes cidades, que nem sempre os jornais mostram.

# Everson Bressan



À  
margem  
das  
pautas



